

organizadora  
Bruna Ferraz

com ilustrações  
de Alexandre Jr.



**C**eferno: *histórias de terror e malcriação* é resultado de um trabalho desenvolvido em 2018 pela professora Bruna Ferraz, com o objetivo de despertar nos jovens cefetianos a inquietude e o prazer pela leitura e pela escrita. Contendo 17 textos ficcionais e ilustrações, além do prefácio da organizadora e posfácio dos revisores, o livro tem o terror e o mistério como motes fundamentais, inspirado na obra de Edgar Allan Poe.



ISBN 978-65-879-48-11-9

led BARULHO

organizadora  
Bruna Ferraz

com ilustrações  
de Alexandre Jr.



# ZEFERIO

de histórias  
de terror e malcriação

led BARULHO

# ✦ Sumário

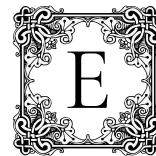
06	Prefácio
10	Fantasma
14	Tribunal de Osíris
18	Sombria humanidade
22	Morte ao despertar
26	Noites sombrias
32	A verdadeira história de Peter Pan
38	O vulto
42	Branca de Neve
46	Tudo pelo reencontro
52	La sirène
56	Uma Lembrança
60	Controle
68	O sonho
74	Eu, nós
84	Todo mistério tem um fim
88	A vingança
98	Amigos de infância
104	Posfácio

# ✦ Prefácio

E QUANDO A REALIDADE TORNA-SE  
MAIS ESTRANHA QUE A FICÇÃO?

*Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio são extensões de sua visão; o telefone é a extensão de sua voz; em seguida, temos o arado e a espada, extensões de seu braço. O livro, porém, é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação.*

Jorge Luis Borges



Em 2018, quando iniciei minhas atividades docentes no ensino de literatura no CEFET-MG, vi-me diante do imenso desafio de incentivar o prazer e a fruição literárias entre os jovens ingressantes, alunos das primeiras séries do Ensino Profissional Técnico de Nível Médio. As promessas que se anunciavam naquele momento, entremeadas pela empolgação e entusiasmo típicos apenas para aqueles que

vivenciam uma experiência pela primeira vez, refletiam nas atitudes dos meus alunos, ávidos por descobrir um novo mundo.

Diante de um cenário tão cheio de expectativas e motivada em fazê-lo perdurar, compreendi que a única forma de acessar aqueles jovens seria por meio de um texto que instigasse interesse e espanto ao mesmo tempo: um texto inteligente que fosse capaz de despertar, igualmente, o potencial intelectual e imaginativo dos meus alunos. O leitor gerado por esse texto foi criado por Edgar Allan Poe, o pai dos contos policiais, de mistério e terror. Lemos, portanto, seu conto “A máscara da morte rubra”, texto de 1842 que, ao mesclar temas como a peste, a loucura e o confinamento (ironicamente tão presentes entre os anos de 2020 e 2021), evidenciou como um mistério de Poe instiga um cenário intranquilo e fantasmático, aguçando a imaginação, já que a razão exclusivamente não seria mais capaz de encontrar uma explicação plausível para os eventos narrados.

Impactados pela experiência da leitura desse conto, os alunos foram convidados a migrar de papel (de leitores a escritores) e, como Poe e os sete anjos do apocalipse, soarem suas trombetas, anunciando o fim do mundo. Os contos reunidos neste volume, alguns mais sombrios, outros mais melancólicos, alguns policiais, outros aterrorizantes, são, portanto, como nos diz Borges na epígrafe que abre este texto, uma extensão da memória e da imaginação desses alunos, que, hoje, dia 25 de março de 2021, quando escrevo esta apresentação, finalizam a terceira série no ensino remoto emergencial.

Há três anos, quando propunha essa atividade didática, jamais poderia prever que a realidade se tornaria mais estranha que a ficção e que, diante do cenário atual, marcado pela peste (a covid-19), pelo confinamento e pelos absurdos do mundo real, indiferente e anestesiado diante de tanta morte, o conto de Poe se tornasse tão contemporâneo.

Se a literatura nos ensina a ler e a interpretar o mundo de maneira crítica, a olhar o próximo e as suas dores e angústias, bem como o lugar da vida e da morte, ela é também capaz de, quando necessário e, sobretudo, quando a realidade torna-se esmagadora e cruel demais, nos transportar para outros mundos. Assim, perante o inferno no qual vivemos todos os dias, recusar fazermos parte dele, tal como anuncia Italo Calvino ao final de sua obra *As cidades invisíveis*, é a melhor solução, mesmo que para isso estejamos tomando a via mais arriscada. Espero que os contos de *Ceferno: histórias de terror e malcriação* instiguem justamente esta atitude, a de “tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”<sup>1</sup>.

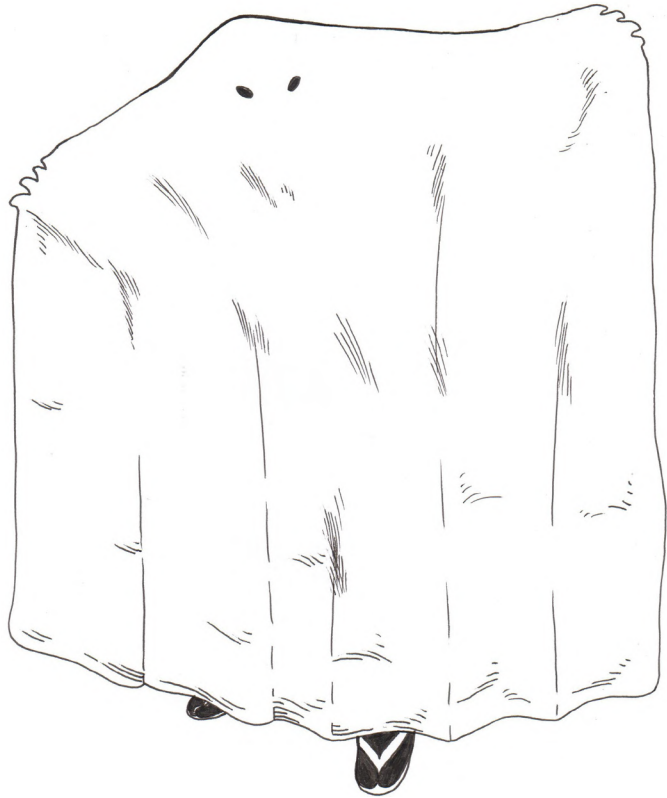
Bruna Fontes Ferraz

---

<sup>1</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003. p. 158.



# Fantasma



É s o fantasma que assombra o meu presente,  
Andas ao meu lado, com a minha felicidade  
[descontente,

Contas mil histórias sobre um futuro irreverente,  
Às sombras de um passado que nos destrói bem lentamente.

Este é o fantasma que assombra meus dias,  
Arruína minhas felicidades e mais doces companhias,  
Arruína meus sonhos nas noites mais frias,  
Arruína meus caminhos nas mais repletas vias.

Tu me persegues incansavelmente, ó fantasma!  
Ou és apenas mais uma visão turva,  
Uma consciência me mostrando, soturna,  
O que meus olhos se recusam a olhar.

És aquele que amo, ó fantasma!  
A dor que me assombra é verdadeira, é fria,  
É coroa de espinhos que arde e pede  
O perdão do fantasma que vagava acima.

És tão inabalável, ó fantasma!  
Não caias, não te abales, não tombeies ao vento!  
Ergue-te no morro ao alto enquanto busco acalento,  
Gargalhando, observando teu plano executado em um  
[momento.

Mas não te enganes, ó fantasma!  
A sanidade é via de mão dupla  
Nos mostra o claro, mas toca e cura.

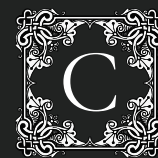
És o fantasma que deixaste teu posto.  
Seguirás estrada em caminho negro e fosco  
Me erguerei, enfim, contemplado e novo,  
Observando sua ida a um destino tosco!



Amanda Jacomette  
Bruna Carvalho  
Biovana Caroba  
Maria Luíza Maia  
Marcus Arcanjo



## Tribunal de Osíris



hego, mas nada se passa. A terra seca range com meu peso, o vento uiva auspiciosamente, ferozmente. Olho ao redor. Nada. Gostaria de me sentir só, mas a lembrança desse sentimento é imemorial, um sonho de uma noite de verão.

O fim se aproxima. Nada mais. Ele, ao contrário do que dizem, é vagaroso, não alarmista, se esgueira pelos cantos à espera do melhor momento. Sua chegada é óbvia, entretanto vaga.

Pausa encerrada. A marcha está quase se finalizando. O solo à minha frente começa a se tornar fértil, grama de um verde inexplicável salpicando o solo delicadamente. A beleza era grandiosa, chorei, as últimas gotas d'água do meu corpo saíam sem hesitar.

Um som me chega aos ouvidos. Nada além de minha respiração, passos e vento entravam por eles há tempos.



Quaisquer tropeços, explosões, resmungos, gritos, sentia que ouvia meus pensamentos, mas, certamente, era muito mais um sintoma da loucura.

Como se tivesse saído de um transe, olho para trás e lá vinha ele, tranquilamente feroz. Começo a correr, ou melhor, era isso que pensava fazer, mas, sinceramente, devia estar mancando ridiculamente para aquele demônio, um bobo real. Lastimável.

Muito próximo, podia sentir sua textura, apenas vislumbrando-o. Não podia desmoronar, não dessa forma. Sucumbir com a cura, assim, na minha frente. Impossível.

Estava ao meu lado, sentia com clareza, podia descrevê-lo facilmente, porém as palavras são ultrapassadas. Instrumento rudimentar.

Todos os meus sentidos evaporaram. Nada mais sentia, nada mais via, nada mais ouvia. Nada, o mais perfeito vazio.

Boiava entre o alfa e o ômega, o início e o fim. Dançava ao som do choro de um recém-nascido e as trombetas do apocalipse. Ainda existia, ainda pensava, apenas isso me segurava. Uma criança contemplando um horizonte de incerteza. Chorando pelo medo do escuro. Inocente.

Começo a rir, sem motivo ou causa, apenas rio. A piada primordial repetida por bilhões de anos chegava ao seu auge.

Despenco. Sabia que caía e afundava. Carregava coisas demais. A minha razão me abandonava, saía de mim, como pássaros de uma gaiola.

Passavam à minha frente e queimavam, desapareciam diante de mim. Era isso, então. Luz. Fogo. Baque.



## Sombria humanidade



É lá estava ele, o jovem Tim, recostado sobre o tronco da árvore com seu diário e sua caneta em mãos, apenas se deliciando com o doce som do farfalhar das árvores em um iluminado e silencioso cemitério. Um ruído em meio àquela calmaria fez com que seu interesse passasse de uma linha qualquer de seu diário para uma figura feminina medonha, que vagueava plenamente por entre as lápides dos falecidos.

- Quem é você? — questionou o rapaz, intrigado.
- Suponho que a pergunta certa seja: O que me traz aqui? — respondeu a figura que pairava sobre o chão.
- Acho que saber o que você é responderia parte da pergunta!

A figura esboçou um sorriso mórbido e um semblante cálido para o rapaz, que estremeceu com o medo que a criatura lhe provocou. Conforme se aproximava lentamente, ele pôde se atentar aos detalhes sombrios da criatura. Era como se seus olhos revelassem a mais profunda e vil escuridão, e seu tom tenebroso, uma certa sagacidade.

— Conheço você, caro Tim. Estou sempre ao seu lado, te acompanhando por onde quer que vá, ansiando sempre por uma oportunidade de te levar para passear comigo em um caminho sem volta.

— E para onde me levaria esse caminho eterno? Digo, onde termina?

— No seu caso, bem provável que para a escuridão à qual você pertence! — soltou uma risada de escárnio. — Nunca percebeu o modo como te olham, as sombras que te perseguem até mesmo durante o dia, as vozes que escuta em meio ao silêncio da noite e todo esse vazio na alma que esconde das pessoas ao teu redor?

— Estou cansado de perguntas sem respostas, diga logo o que vieste fazer por aqui, seja lá o que você for!

Em um singelo gesto com as mãos, aquela figura pareceu revelar coisas ao redor que não estavam presentes ali antes, e o jovem, então, encontrou-se com os olhos voltados para uma situação inesperada, debaixo da árvore onde estava antes. Ele mesmo deitado sobre o chão, aparentemente desmaiado.

— Mas o que é isto? O que eu estou fazendo... — abaixou-se abruptamente sobre seu corpo ao chão e percebeu que suas mãos o traspassaram. — O que fez comigo?

— Eu, nada, mas, ao que me parece, seu corpo lhe pregou uma peça. Acho que já não vives mais!

— Quer dizer que eu morri? Então... — parou assombrado por um breve instante e, pasmo, voltou-se para a figura, em

completo estado de choque. Por um segundo, as palavras lhe escaparam, até que retomou a consciência e conseguiu dizer algo.

— Morte! É isso que você é! Por favor, espere, não mereço estar aqui, tenho certeza de que foi um terrível engano!

O jovem estava em completo estado de desespero, suplicando e fazendo juras à própria morte. A Morte continuou impermeável aos sentimentos do rapaz.

— Humanidade tola e egoísta, em que prevalecem sempre o individualismo e o capricho! Este mundo é um lugar onde cada pessoa procura valorizar-se e destacar-se, acotovelando, para chegar à frente, quem for preciso. Venha comigo, o destino é o mesmo para todos: um caminho sem volta!



Leticia Alexandre  
Igor Paiva  
João Victor  
Arthur Almeida  
Caíque Magalhães  
Mohandas Gomes



## Morte ao despertar



uma sexta-feira, dia 7 do mês 7 de 2017, Will preparava-se para dormir enquanto combinava com seus amigos de assistir *Hidden Blade*, um filme de terror que iria estrear no dia seguinte. Um de seus amigos havia mandado o *trailer* do filme e, logo antes de dormir, ele decidiu assisti-lo. Ficou realmente aterrorizado, pois o assassino era muito perturbador. Após o término do vídeo, já que estava muito cansado, resolveu dormir, pois o dia havia sido longo.

Ele, então, acordou com o som do despertador. Pegou o celular e olhou as horas: três da manhã. “Estranho!”, pensou ele. Afinal, o dia já estava claro, e o relógio de seu quarto marcava meio-dia. Desceu as escadas para almoçar e foi assistir TV. Olhou novamente para o relógio, assustou-se uma vez mais: começava a escurecer, estava quase na hora de sair com seus amigos.

Ficou surpreso, pois o tempo havia passado muito rápido. Rapidamente, tomou banho, se arrumou e saiu de casa.

Como o cinema era perto de sua casa, foi a pé. Durante todo o caminho, sentiu como se estivesse sendo observado. Chegou atrasado e não encontrou nenhum de seus amigos. Imaginou que já estivessem na sessão, então entrou na sala. Mas a sala estava vazia. Pegou o celular para mandar uma mensagem para seus amigos, porém, não conseguiu destravá-lo. Talvez seus amigos chegassem mais tarde. Decidiu esperar por eles e, como os *trailers* já estavam passando, pegou logo o melhor assento. Pouco depois, o filme começou.

De repente, sentiu outra vez que estava sendo observado. Olhou para o lado e viu que não estava sozinho: no último assento de sua fileira, viu uma pessoa estranha. Ela estava completamente estática, e Will não conseguiu enxergar seu rosto, coberto por um capuz, e porque o canto do cinema era sempre o mais escuro.

Ficou muito apavorado e resolveu ir para casa o mais rápido possível. Lá fora estava escuro e chovendo. Começou a correr o mais rápido possível e decidiu cortar caminho, entrando em um beco que ficava perto de sua casa.

Assim que entrou no beco, deu de cara com um homem que parecia exatamente com a pessoa que vira no cinema. Ele estava vestindo um sobretudo preto e portava uma faca presa ao pulso. Como estava com a cabeça inclinada, só conseguiu ver parte do seu rosto, que era totalmente deformado. Ficou em choque: o homem era exatamente igual ao assassino Screed, o personagem de *Hidden Blade*. Tentou começar a correr, mas já era tarde demais. Ele estava muito perto. Sentiu uma dor excruciante. Havia sido atingido pela faca.

Às três da manhã, Will acordou desesperado. Estava suando frio, com o coração acelerado, quando percebeu que ha-

via tido um pesadelo. Levantou, então, para beber água e se acalmar. Enquanto estava descendo as escadas, ouviu um grito. Parecia a voz de sua mãe. Ficou preocupado e resolveu ver o que tinha acontecido. Assim que entrou no quarto, ficou desesperado. Viu seus pais deitados na cama com inúmeras marcas de facadas. Ensanguentados. Mortos. Ficou em choque. Depois de alguns segundos sem conseguir pensar direito, resolveu pegar o celular e ligar para a polícia, além de pegar uma faca para se defender de quem tinha feito aquilo. A pessoa poderia estar ainda em sua casa. Correu para o seu quarto e foi em direção à cômoda, esticando a mão para alcançar o celular. Quando ergueu o aparelho e olhou para a tela, o que viu no reflexo foi Screed com o braço estendido, prestes a acertá-lo com sua faca.



Arthur Guerra  
Enzo Rodrigues  
Iago Gabino  
Matheus Guimarães



## Noites sombrias



Era uma quinta-feira à tarde, por volta de 17 horas. Meus pais e meu irmão mais novo se despediram de mim; eles fariam uma viagem ao Rio de Janeiro e eu passaria o final de semana completamente sozinho, livre, apenas eu e a casa. Minha mãe me passou uma lista enorme de coisas para fazer, além de cuidar dos animais domésticos e das plantas... No final, não era exatamente apenas “eu e a casa”, mas esse foi o menor dos meus problemas.

Após a longa e calorosa despedida, meus pais finalmente partiram, e eu fui fazer o que qualquer adolescente de 17 anos faria: besteira. Com meus pais fora de casa, eu não perderia a chance de dar uma festa. Foi a melhor festa em meses! Chamei todos os meus amigos, que, por sua vez, chamaram outros.

Lembro-me, somente, das garrafas de bebida sendo esvaziadas avidamente. Ficamos todos muito alterados. Por volta de 02:30 da madrugada, quando já não havia mais ninguém em casa e eu estava completamente sozinho, fui dormir, mas algo me incomodava muito: uma sensação de arrependimento... Culpa da bebida, pensei, e deitei-me para dormir. Foi aí que os problemas realmente começaram.

Tive um sonho completamente estranho. Nesse sonho, eu estava sendo perseguido por um grupo de pessoas sombrias, vestidas com roupas estranhas, que faziam barulhos bizarros enquanto gritavam meu nome, como se me quisessem para algum ritual. Lembro que estava perto de minha casa e era tudo muito realista, como se eu estivesse acordado. Olhava para trás, e essas criaturas não paravam de me seguir. Estava ficando aterrorizado e não sabia o que fazer. Por estar muito amedrontado com a situação, não pensei em buscar ajuda; corri diretamente para casa, pensando que lá estaria seguro. Corri muito, mas sempre ouvindo esses seres perto de mim.

Consegui chegar em casa e logo tranquei a porta, com medo. Recordo-me de olhar para a janela, esperando para ver se as criaturas tinham me visto entrar. Quando me lembrei que meu pai tinha uma arma escondida no armário, já era tarde demais: as criaturas chegaram e tentavam passar pela porta a qualquer custo. Estava apavorado! De repente, no momento em que tais seres conseguiram quebrar a porta, acordei do terrível sonho.

Ainda bastante assustado e gritando, logo me dei conta de que estava em minha cama e tudo estava bem. Ninguém estava me seguindo. Desci para o andar de baixo da minha casa para buscar um remédio, já que estava com dor de cabeça, provavelmente por causa da noite anterior. As horas se passavam e eu estava bem, tirando o fato de que aquele sonho me per-

seguia. Eu procurava uma relação entre os acontecimentos recentes e esse sonho, mas não pensava em nada. Sentia, porém, a mesma sensação de arrependimento que tivera logo antes de me deitar. O dia se passou e novamente fui dormir, com certo receio em função do que acontecera na noite anterior. Mas tentava tranquilizar-me; afinal, foi “apenas um sonho”.

Por volta das 03:30 da manhã, acordei repentinamente com um barulho muito alto numa porta que parecia ser a da minha casa. Fiquei logo com medo, só lembrava das criaturas do meu sonho da noite anterior. Era uma madrugada com bastante vento, única razão plausível para o barulho que ouvira. Fiquei um pouco mais tranquilo e tentei voltar a dormir, já que não sabia o que isso poderia significar.

No momento exato em que acordei, me senti muito estranho. Meu corpo estava frio, não conseguia mexer meus braços. Eu estava paralisado, não sabia o que causava isso, nem o que eu faria para sair dessa situação, que já me deixava desconfortável. Para piorar, senti algo como uma respiração perto de meu pescoço, e sabia que não era a minha. Era uma respiração ofegante, acelerada. Quando me dei conta de que poderia ter algum ser no meu quarto, virei meus olhos de maneira lenta, com medo, e não pude acreditar no que estava vendo. Meu corpo foi tomado pelo desespero. Estava tremendo e em pânico, mas não conseguia me expressar. Ao meu lado, havia uma criatura horrível, como aqueles seres que estavam me perseguindo em meu sonho. Tudo aconteceu muito rápido, mas, mesmo de canto de olho, consegui ver que a criatura usava um colar que me chamou atenção. Era um colar tribal, cheio de detalhes. Vencido pelo pânico e sem desviar os olhos daquele adereço, comecei a rezar. E, então, adormeci.

Depois de abrir os olhos novamente, pulei da cama sem ar. Percebi que não havia ninguém no meu quarto e que conse-

guia me mexer normalmente. Estava com uma sensação forte de cansaço e tossindo bastante, como se eu tivesse feito um grande esforço. Ainda com bastante medo, comecei a andar pela casa para ver se realmente não tinha ninguém no local.

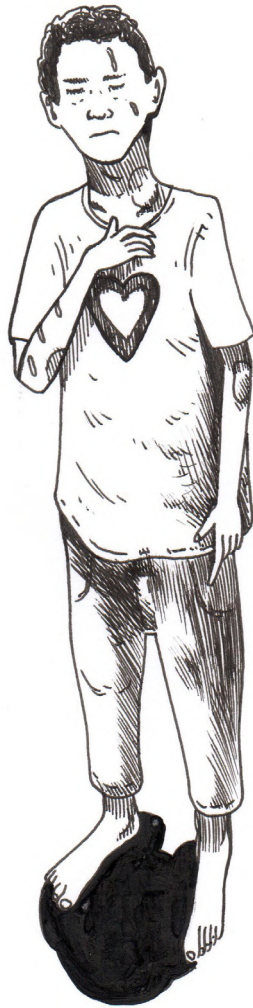
Não entendia o que estava acontecendo, mas tinha certeza de que estava tudo ligado ao meu sonho. Comecei a procurar por explicações na internet, para ver se alguém mais já tinha passado por aquela situação. Descobri que passei por um momento que chamam de “paralisia do sono”, que é explicada, em parte, pela ciência, mas que também pode estar ligada a agentes sobrenaturais.

Resolvi ligar para os meus pais, contar-lhes tudo. Como eles já estavam voltando da viagem, em casa nos falaríamos.

Quando chegaram, contei-lhes tudo: desde a festa até o momento em que acordei do meu último sono. Eles acharam tudo aquilo muito estranho, mas não deram tantas opiniões; acreditaram se tratar de uma alucinação, que seria sanada com boas noites de sono. Para me acalmar, entregaram-me a lembrança que haviam trazido da viagem. Fiquei mais animado quando recebi aquele pequeno pacote de papel. Achei estranho quando disseram, meio irônicos, meio debochados, algo como “espero que goste, obediente filho!”. Ao abrir a embalagem, uma sensação horrenda de calafrio tomou meu corpo: um colar exatamente igual ao que eu tinha notado na criatura que me visitou na manhã assustadora. Desmaiei.

Não sei por quanto tempo estive apagado. Acordei em uma sala escura, com uma luz vermelha em cima de mim, enquanto escutava uma voz que sussurrava ao meu lado... Paaaaaaai?!





## A verdadeira história de Peter Pan



talvez você o conheça, talvez não, mas eu posso dizer que o conheci.

Esqueça tudo que você sabe sobre Peter Pan. Não existem fadas. Esqueça a Sininho! Pozinho mágico? Estamos na vida real, as coisas não funcionam assim por aqui.

Peter Pan é um garoto muito feliz, não? Quem não quer viver pra sempre como uma criança?

Resumindo, o pequeno Peter não iria crescer e viveria como uma criança para sempre, não queria ser como os chatos dos adultos, moraria em um lugar mágico com garotos exatamente como ele.

Odiava os adultos, odiava ter que conviver com eles, odiava ter que se tornar um deles.

“São todos arrogantes e egocêntricos, vivem no seu próprio mundo, não ligam para as crianças como eu, eles mesmos dizem.”

Para os adultos, Peter estava vivendo uma fase, uma coisinha passageira que todo mundo vive. As diversas marcas que tinha pelo corpo eram frescura, tudo pra chamar atenção. Poucas vezes o vi implorar por ajuda, foi ignorado por “falta de motivos suficientes pra sofrer assim, afinal, ninguém sofre desse jeito nessa idade”.

Talvez, isso tenha feito com que ele tivesse aversão a adultos, ou o fato de ter sido extremamente machucado quando criança. Eu sei que há marcas nele que não foram feitas por ele próprio. Dizia que a única coisa que não queria era ser um adulto. Fora todas as responsabilidades, não queria acabar como aqueles com quem convivia; não o julguem por isso! Pan só tinha medo, era uma criança afinal.

— Peter Pan, um garoto perdido que nunca vai ser encontrado.

Ele não se entendia, tinha vários problemas psicológicos, mas parecia que se recusavam a dar-lhe ajuda, e isso o matava um pouquinho a cada dia. Não passava de um menino perdido dentro de si, perdido no mundo, mas não era uma fase, eu te garanto. Apesar de estar ali sempre com ele, nem eu o entendia, admito. Muitas vezes, dizia coisas repletas de sentimentos, mas com o olhar vazio, opaco, sem um resquício de vida. Ele parecia e estava cansado de tudo.

— Veja, além da linha das montanhas, passando pela última constelação do céu — estendia o braço — deve existir um lugar onde tudo é diferente, a Terra do Nunca, nunca mais precisar crescer, nunca mais precisar ser assim. A Terra do Nunca nunca pareceu tão próxima para mim, talvez eu voe até lá, mas eu garanto encontrar esse lugar.

Doía todos os dias ver que eu não era algo suficiente para ele, mas como ser? Todos com quem ele já se relacionou contribuíram para ele ser do jeito que é, não sou eu que vou reverter anos de danos.

— Se eles desistiram de mim sem ao menos me conhecer direito ou simplesmente tentar, por que eu, que sou eu, não desistiria?

Era a pessoa mais desacreditada que conheci, e “amanhã” era uma palavra que não existia em seu dicionário. Teve muitas esperanças, lá atrás, de viver algo melhor, só que esse algo melhor nunca chegou para ele. Era como se existisse uma pedra presa ao seu calcanhar, impedindo-o de seguir em frente e prendendo-o sempre no mesmo lugar: ele decidiu simplesmente ficar preso ali esperando para morrer.

— Quais motivos eu tenho para querer crescer — disse em meio às lágrimas — se o mundo a minha volta só me destrói? Não vejo motivos para querer crescer com isso tudo me impedindo de viver decentemente.

Apesar da falta de nutrição (eram raras as vezes em que se alimentava direito), Peter era uma das crianças mais bonitas que eu já vi. Tinha uma beleza radiante, mas por algum motivo eu nunca consegui ver um futuro igualmente bonito.

Não me despedi dele, não sabia nem que iria partir, eu sempre soube que ele iria, por isso nunca me apeguei à ideia de tê-lo por muito tempo, mas admito que vou sentir sua falta, sabe?, não consigo parar de pensar que talvez fosse melhor assim, não iria prendê-lo em um lugar onde não se sentisse bem por puro capricho meu. Mas vai doer aceitar.

Peter foi mesmo para a terra do nunca, talvez o código de barras em seu braço o tenha levado para lá, seu sonho de voar para longe se realizou, e eu espero que pelo menos uma vez, quando sentiu o vento correr contra o seu corpo, ele tenha se sentido genuinamente feliz e vivo.

Vou admirar para sempre a sua coragem e o quão forte foi durante tantos anos. Vai ser difícil deixar de pensar nele. Por mais que eu não o entendesse, consigo sentir sua dor. Se eu o tivesse conhecido antes de todos que lhe deixaram assim, talvez hoje estivesse aqui ainda.

Sentindo a brisa fria dessa mesma janela pela qual ele voou, estendendo o braço e tentando enxergar o mais longe possível, eu entendo Peter Pan. A famosa Terra do Nunca nunca pareceu tão próxima a mim quanto agora.



Anna Gabrielle de Castro Santos  
Sara Isabele dos Santos Bento Silva



## O vulto



Em um hospital, dois amigos, até então desacordados, abrem os olhos quando algum médico aplica, em seus corpos, um tipo de injeção. Ficaram sonolentos, suas pálpebras começaram a pesar e não demoraram a dormir. Ao acordarem, já deitados em uma cama hospitalar e sem lembrar o que havia acontecido, analisaram o quarto em que estavam. Havia outros pacientes e o local era limpo e claro, um lugar agradável de olhar.

Alguns segundos se passaram. Todas as luzes se apagaram e parecia que as janelas haviam desaparecido. Mas essa escuridão não durou sequer um minuto, pois as luzes de emergência foram acesas. Os amigos, então, viram que aquele mesmo local, claro e limpo, estava sujo e mal iluminado. Os aparelhos,

destinados ao tratamento dos pacientes, que já não estavam mais ali, encontravam-se quebrados no chão junto às camas.

Surpresos com a situação, decidiram sair da cama suja para procurar ajuda. Ao abrirem a porta do quarto, viram um vulto; este, porém, desapareceu repentinamente. Imaginando que seria um médico, decidiram procurá-lo. Logo, perceberam que não havia médico algum e que eles estavam sozinhos pelos longos e escuros corredores do hospital. Sentiram um leve arrepio, mas — imaginaram — era só uma impressão.

Os amigos decidiram explorar o hospital para procurar uma saída. Para efetuar a busca, seria mais produtivo se se separassem, e assim cada qual tomou um lado. Um deles resolveu entrar em uma sala, enquanto o outro permaneceu caminhando. Inadvertidamente, viram, ao mesmo tempo, aquele vulto. Perplexos, foram atrás dele, que agora estava parado. Não era um médico, constataram. Era uma assombração, alta e magra, cujo rosto estava pálido e machucado. O vulto, de algum modo, lhes era muito familiar. Os garotos hesitaram e, então, correram, correram sem rumo.

Ficaram desesperados, acharam que estavam ficando loucos, ou melhor, que já estavam. Sem motivo aparente, entraram em um quarto. Não sabiam o que fazer. Passado um tempo de muito terror, escutaram o som de aparelhos hospitalares sendo ligados. Foram até a porta e não avistaram nada, mas ainda era possível ouvir barulhos e, na tentativa de alcançá-los, correram pelo hospital. Não chegaram a lugar nenhum.

A luz amarela de um corredor se acendeu, os sons tornavam-se cada vez mais ruidosos, ouviam gritos, ruídos e passos que pareciam estar vindo do andar de cima. Sem esperanças, apegando-se à última centelha de coragem que lhes restava, seguiram aqueles barulhos. Enquanto avançavam, os objetos começaram a se distorcer. Perplexos, eles pararam. O ambiente

ao redor havia começado a rodar, os barulhos ficaram confusos, cada vez mais altos, não era possível distinguir de onde vinham. Outros pacientes começaram a aparecer, e, novamente, identificaram o vulto. Estarrecidos, eles constataram que, mais uma vez, perdiam seus sentidos: o enevoamento da visão foi progressivo até se tornar a mais completa escuridão. Caíram desacordados.

Muito tempo se passou antes que os dois amigos acordassem. Ainda sonolentos, notaram que o hospital voltara a ser como antes: limpo, claro e calmo. Ficaram aliviados ao perceber que não estavam sozinhos, mas assustados também. Ninguém sabia explicar o que havia acontecido. Aos poucos foram reavendo a consciência, embora ainda não entendessem o que faziam ali, naquele hospital. Foram informados pelos médicos de que haviam sofrido um acidente de carro, onde os dois estavam com um outro amigo; este, porém, não resistira. No silêncio assustador da conversa, os amigos sentiram uma presença incômoda e familiar. Reconheceram o mesmo vulto: ele tinha o rosto do amigo que falecera.



Diego Oliveira



## Branca de Neve



Magda é uma jovem que foi capturada como escrava após um confronto entre reinos vizinhos. Obrigada a mudar de local, ela passou a ser constantemente humilhada pela rainha e submetida a trabalhos horrendos. A rainha, uma viúva vaidosa e muito arrogante, era a única mulher a governar um reino na região da Alemanha, e o seu trono era o mais cobiçado, devido às riquezas e à vasta área de agricultura.

Um dia, após ser torturada por ter deixado cair um copo de suco nos aposentos da soberana, Magda recusou a se juntar aos outros criados para “adorar” a rainha. Enquanto todos estavam no pátio do lado de fora do castelo, furtou um anel da monarca e voltou, discretamente, para o calabouço, onde costumava se esconder.

No outro dia, quando estava sendo servido o desjejum, a rainha mandou que um de seus criados preparasse suas vestes, pois ela as usaria em um encontro com um rei de terras vizinhas, para celebrar um tratado de paz. Passados alguns minutos, o súdito voltou correndo para avisá-la que não encontrara o anel usado em todos os encontros reais. Furiosa, a rainha ordenou que o homem fosse levado para a masmorra.

No entanto, ao notar a ausência de Magda desde o dia anterior, soube que sua escrava tinha sido a responsável pelo roubo do anel. A rainha, então, solicitou ao caçador que matasse Magda e trouxesse, em uma caixa, o anel e o coração da pobre donzela.

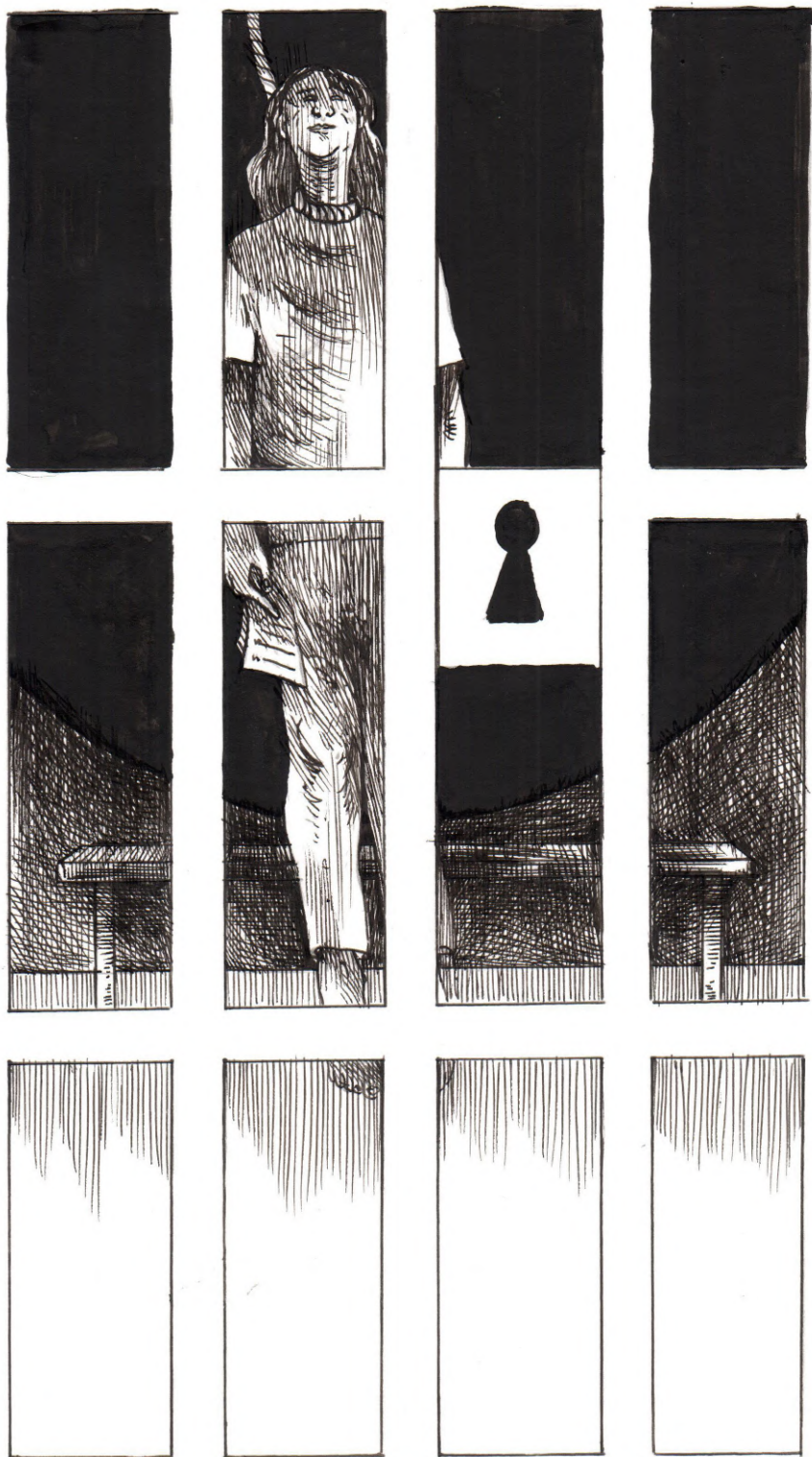
O caçador foi atrás da menina, para ganhar reconhecimento e glória. Ele a procurou nas dependências do castelo e não a encontrou. Nas redondezas do palácio, porém, a encontrou dormindo perto da floresta. Violentada e completamente infeliz, Magda correu para dentro da floresta, após a ordem do caçador de que ela fugisse.

Vagou pela floresta escura e úmida durante dias, semanas... até que encontrou um casebre de madeira, cheio de musgo nas paredes, buracos nas janelas e uma grande teia de aranha no lugar da porta. Exausta, entrou na casa e caiu no chão imundo e infestado de insetos. Acordou horas depois e só então se deu conta de onde estava, mas se sentia angustiada e não queria mais viver. Saiu para procurar água e algo para comer. Perto dali, encontrou um pequeno riacho, se banhou e bebeu daquela água. Na volta, encontrou algumas árvores frutíferas e se alimentou. Retornou ao casebre e encontrou sete ossadas humanas, que, durante os meses seguintes, além dos insetos, foram sua única companhia.

Tudo mudou com a chegada de uma grande nevasca. As árvores não estavam mais dando frutos e o riacho tinha conge-

lado. Ela estava sozinha, com frio, com fome e com sede, quando começou a sentir uma forte dor na barriga. Pediu ajuda para seus únicos amigos, mas os esqueletos não podiam ajudá-la. Deu à luz ali mesmo, no chão, sozinha, durante uma noite fria e solitária. O fruto da terrível ação do caçador ganhou vida à custa de Magda, que morreu logo em seguida.

A rainha descobriu que o caçador a havia enganado, entregando-lhe um anel falso e um coração de veado no lugar do coração de Magda. Ordenou que alguns cavaleiros fossem atrás da menina e de seu anel. Enquanto passavam pela floresta, os cavaleiros escutaram o choro de uma criança e seguiram o barulho, ofuscado pela nevasca. Acharam uma pequena casa e, quando entraram, se depararam com o corpo de Magda, vários ossos ao seu redor e uma pequena menina. Não encontraram o anel, mas levaram a criança para a rainha, que cuidou da menina como se fosse sua filha.



Giouvanna Vitória de Oliveira  
Indra Matsiendra  
Isadora da Cruz  
Raguel Alexandra  
Vitor Hugo Silva Ribeiro



## Tudo pelo reencontro



ele morena, olhos castanhos, cabelo de uma cor que encantava a todos. Menina cheia de vida e de uma alegria incomum. Assim era Catarine, porém agora não passava de uma pessoa presa, acusada de cometer o assassinato da própria irmã.

Mas quais foram os motivos que levaram Catarine a cometer ato tão hediondo?

Eis aqui uma pergunta que o policial Jack tentava responder. E, para respondê-la, foi procurar mais informações sobre a vida de Catarine e sobre a vida da vítima.

Chegando ao bairro onde elas moravam, Jack fez perguntas aos moradores e descobriu que, há poucos dias, a mãe das garotas havia morrido e, desde sua morte, Catarine estava estranha.



Quando indagada sobre o porquê de Catarine ter ficado assim, a vizinha respondeu que com certeza era porque ela sabia que nunca mais teria a mãe ao seu lado. Jack agradeceu a ajuda da vizinha e se retirou; porém, em sua cabeça, as coisas ainda não estavam muito claras: “O que tem a ver a morte da mãe com o fato de uma irmã matar a outra?”

Já de volta à delegacia, o policial interrogou Catarine e o que ouviu de sua boca despertou em Jack as seguintes reações: surpresa, indignação e mais dúvidas.

Ela havia dito que o enterro da mãe tinha sido há sete dias, no cemitério Conte Conosco, e que ela nunca iria se esquecer desse dia, porque, apesar de ter sido o dia do enterro de sua mãe, fora também um dos dias mais felizes de sua vida. Entretanto, ao perguntá-la o que havia acontecido de bom nesse dia, Catarine se negou a responder e preferiu ficar calada. O policial teve, então, certeza de que a acusada escondia algo. Decidido a descobrir o que era, Jack foi até o cemitério.

Chegando lá, o policial foi até um dos coveiros, que estava varrendo as folhas que caíam no pátio, e lhe perguntou se ele sabia algo sobre o enterro que havia acontecido ali uma semana antes.

De início, o coveiro ficou meio perdido, sem saber direito o que responder, mas acabou cedendo e confessou ao policial que vira Catarine tomando café, acompanhada de um homem alto, loiro e muito bonito. Jack então lhe perguntou se esse homem não era possivelmente um parente da acusada. O coveiro respondeu que não, e acrescentou que o homem não tinha participado do velório e que tinha aparecido ali do nada.

Agradecendo ao coveiro, Jack se retirou e foi embora, sentindo-se ainda mais confuso. Como aquela informação nova lhe ajudaria? O que ela poderia acrescentar na investigação? Tudo seria mais fácil se Catarine colaborasse e assumisse

tudo de uma vez, se ela contasse os motivos que a levaram a dar um tiro na própria irmã. Por que Catarine assumiria que foi ela quem executou o crime, mas não revelaria o motivo? Nada disso fazia sentido na cabeça de Jack.

De volta à delegacia, o policial foi direto conversar com Catarine e, sem muitos rodeios, perguntou-lhe quem era o homem que estava com ela no dia do enterro. A acusada, ao ouvir a pergunta, ficou pálida imediatamente, porém se manteve calada. Jack insistiu, mas ela não quis falar. Tentou mais um pouco e nada. Cansado das tentativas sem sucesso, mandou que a levassem de volta para a cela.

Já estava tarde. Jack estava extremamente cansado e decidiu ir para casa. No meio da noite, o policial recebeu uma ligação. Ao atender, foi surpreendido com a solicitação de que retornasse à delegacia.

Ao chegar, recebeu a notícia prontamente: Catarine havia se suicidado. Desorientado, o detetive remoía as seguintes perguntas: por que Catarine faria isso? Seria para não passar a vida na cadeia? Ou seria por questão de consciência?

Ele, então, dirigiu-se até a cela em que a acusada estava para ver se encontrava algo que respondesse às suas perguntas. Lá dentro, deu voltas e voltas até que encontrou um pedaço de papel caído no chão. Era uma carta que dizia:

*Caro senhor Jack, escrevo esta carta somente porque sei que você tem estado com muitas dúvidas em relação ao meu caso. Afinal, por que eu mataria a minha irmã e logo depois me mataria? Não faz sentido, não é? Mas eu vou lhe explicar os meus motivos e vou lhe contar toda a minha história.*

*Sempre fui uma menina muito esforçada e me dedicava muito para dar tudo de melhor para a minha mãe. Mas ela morreu e, então, fiquei muito triste. Durante o seu enterro, resolvi dar uma volta pelo*

*bosque do cemitério e lá encontrei um rapaz. Começamos a conversar e ficamos assim por um longo tempo. Porém, ao me virar para ver quem estava me chamando, ele sumiu. Eu estava apaixonada por um cara com quem conversei apenas uma vez. Como isso era possível? Passei dias alimentando o desejo de encontrá-lo novamente e isso nunca aconteceu. Até que um dia, uma moça puxou assunto comigo na estação do metrô. Quando percebi, já estava contando para ela sobre a minha vida e sobre a minha situação.*

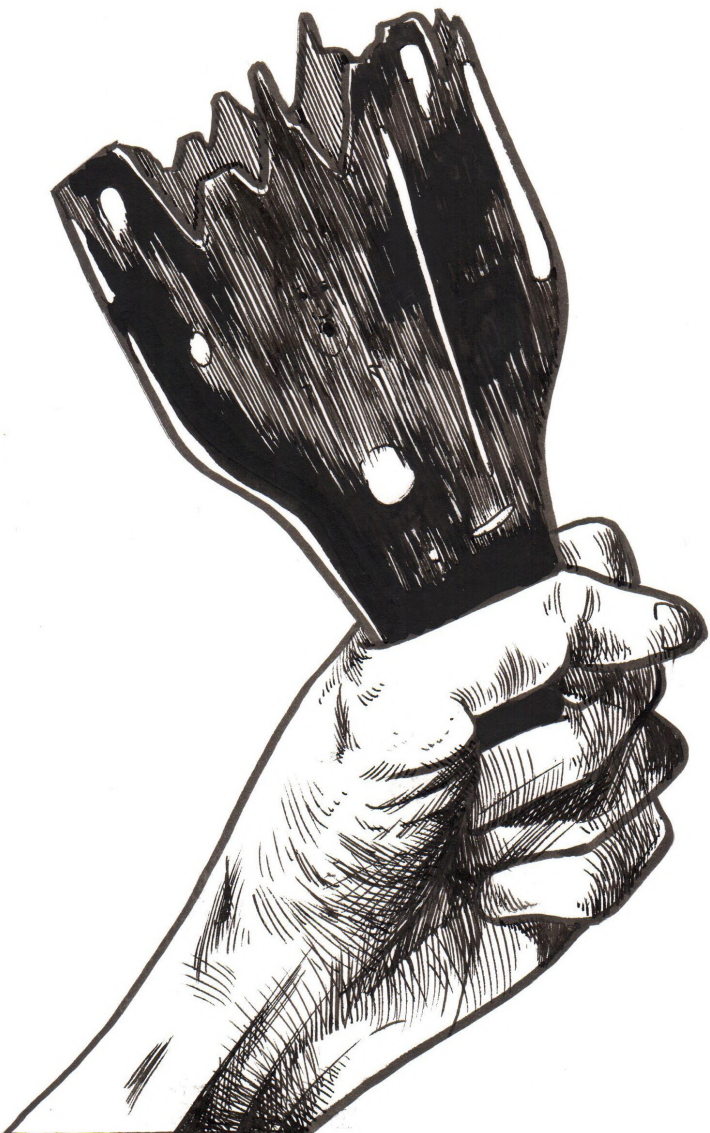
*Então, ela apresentou-me aquilo que poderíamos chamar de “a solução”. Disse que se eu fosse a mais um velório conseguiria ver o rapaz novamente. E eu acreditei nela com todas as minhas forças. Agora entende por que matei a minha irmã, não é?*

*Porém, nada do que eu pretendia aconteceu. Ele não foi ao velório, e eu não o vi. Mas eu ainda acredito no que a moça disse e agora espero que ele venha ao meu enterro.*

*Até nunca mais, Catarine.*

Quando terminou de ler, Jack só queria ir para casa. Deixou tudo nas mãos dos outros policiais e foi embora.

Em casa se deitou, mas ainda queria digerir tudo o que havia acontecido em apenas um dia. Vencido pelo cansaço, ele dormiu, consolado pela certeza de que amanhã seria um novo dia.



Daniel Lucas Soares Madureira  
Luís Felipe Mascena  
Mateus Amorim  
Pedro Augusto Cardoso  
Roger Dornas  
Wallace Martins



## La sirène



O rphelinat Pour Enfant era o nome dado a um antigo orfanato francês que abrigava, principalmente, crianças com dificuldades de se relacionarem com outras pessoas. Eram majoritariamente meninas jovens que, devido à guerra, perderam seus pais durante a invasão alemã na França.

Em 18 de abril de 1940, foi dado o aviso de que os alemães estavam prestes a invadir a capital, Paris, e que todas as outras cidades deveriam ser evacuadas. A administração do orfanato, seguindo as ordens, levou as crianças para os navios de resgate, lugar onde as meninas não se sentiram bem, e muitas delas, por serem mais “frágeis”, foram assediadas pela tripulação. Dentre essas crianças, havia uma chamada Susane que era aficcionada por criaturas mitológicas. As sereias eram suas prediletas.

Susane tinha um belo rosto e lindos cabelos loiros, os quais chamavam a atenção de todos a bordo e, por isso, sofria muito; só lhe restava desabafar seus problemas com a sua melhor amiga, Marleen, que a amava como irmã.

Uma noite, Susane e Marleen estavam no convés do navio quando um dos marujos, já bêbado, tentou agarrá-las. Susane desferiu um tapa em sua face, que o irritou profundamente. Ele quebrou uma garrafa e a ameaçou com os cacos de vidro. Susane não recuou, pois não aguentava mais aquela situação. O marujo, descontrolado, acertou um golpe no pescoço da moça, o que causou um grande sangramento. Marleen tentou ajudar, mas já era tarde demais.

No dia seguinte, Susane foi lançada ao mar, faltando apenas dois dias para chegar ao porto de Nova York, nos Estados Unidos. A jovem francesa falecera aos 15 anos e não deixou nada além de lembranças aos seus poucos conhecidos.

\*

Em 1963, uma série de mortes foi investigada com alguns indícios em comum: todas as vítimas eram homens e todos estavam em viagens saindo de Nova York para Paris. Testemunhas dizem ter ouvido cantos antes da morte das vítimas.

Marleen, após passar um período na América, decidiu voltar à França e optou por fazer a viagem de navio. Durante o percurso, ela conheceu um casal, um homem de pavio curto que estava discutindo com sua mulher e com um recepcionista. A esposa era uma pessoa tímida, triste, parecia ser submissa a seu marido. Marleen ainda notou que a mulher apresentava alguns hematomas em seu corpo. Em seguida, Marleen conheceu um detetive, o responsável por investigar as mortes ocorridas em navios que faziam essa mesma rota. A presença do detetive

lhe passava certa segurança, mas não impediu aquele homem medonho de tentar assediá-la.

Ao final de dois dias, o detetive encontrou o homem que a havia assediado morto, e as testemunhas relataram ter ouvido uma música, uma espécie de canto, naquela noite. O detetive reuniu os principais suspeitos: a esposa e o camareiro, e os inquiriu. Ao final das perguntas, o detetive garantiu o álibi de cada um e voltou à estaca zero das investigações.

Na noite seguinte, o detetive ouviu um canto e correu para seu quarto ao perceber que era seguido por alguém. Entrou em seu armário para se esconder e viu vultos por um buraco. Sombras passavam incessantemente, não tardou a ser descoberto. Ferido por uma mulher que tinha o rosto tapado, ele ainda foi capaz de escutar um barulho, que soou como se alguém houvesse pulado do navio. Os assassinatos em série continuaram a acontecer de maneira indiscriminada e sem que ninguém descobrisse quem era o assassino. Lendas dizem que era uma sereia.

Ana Flávia F. de Brito  
Júlia Mendonça Maia Gonçalves  
Bruno Vilaça Pereira  
Norton de Paula Santos



## Uma Lembrança



A parede cinza com um ar obscuro continha uma janela que revelava uma cidade sombria. O silêncio ensurdecedor com a brisa de um ar pesado foi a cena com a qual me deparei ao acordar. Sentia-me como se estivesse preso em uma infinita solidão. Fui até a porta, que por algum motivo estava aberta, e subitamente tive um sentimento de *déjà vu*. Estava voltando para casa e não conseguia andar com facilidade, cambaleava escorando nas paredes e empurrei a porta bruscamente. Lembrei-me de estar procurando, desesperadamente, pela arma. Ao encontrá-la, puxei o gatilho e senti uma forte pressão na cabeça.

Tentava me apalpar, mas percebi que estava morto. Assustado, perguntei-me o que havia acontecido. Saí pela porta, desesperado, sem destino, até que cheguei ao lugar onde havia



estado na noite anterior. Surgiu, então, uma recordação da briga que tive no bar, estava alterado quando recebi a ligação da minha filha.

Quando me lembrei da ligação, senti uma angústia indescritível, mas continuei andando. Cheguei à estação do metrô, entrei e, perto dos trilhos, recordei-me da discussão que tivera com minha filha. Gritos. Lágrimas. Desespero. Em uma atitude irracional, empurrei-a nos trilhos do metrô. Ouvia o agudo das rodas passando pelos trilhos, sentia que o metrô se aproximava e, logo depois, aproximavam-se também os gritos da multidão. Havia matado minha menina.



## Controle



Ford sentiu um arrepio descendo pelo seu corpo. Lá estava, em uma das prisões mais seguras do mundo. Recentemente, vários corpos apareceram nos arredores da pequena cidade de Midwich Valley, no interior do estado de Nova York. Era o seu trabalho descobrir quem fora o responsável, por isso estava ali, naquele presídio, seguindo uma pista.

Theodore Rusk Cunningham? É um animal! Não se encontram outros como ele!

As palavras do chefe ecoaram em sua mente, assim que os guardas o deixaram entrar. Lentamente, caminhou por entre os corredores. Alguns prisioneiros caçoavam dele, outros cuspiam e avançavam em suas celas. Ford permaneceu em silêncio. Tudo aquilo, já conhecia do curso de forenses. Estava preparado.

Os corredores eram escuros, e as celas, mais ainda. Porém, bem no final do corredor em que caminhava, havia uma diferente. Ela tinha um vidro reforçado transparente, à prova de balas, como ele ficou sabendo. Quanto mais se aproximava, mais os prisioneiros ficavam barulhentos e degenerados. Talvez, tudo o que falavam desse tal de Theodore era verdade.

Finalmente, Ford chegou até a última cela. Viu uma cama, alguns pôsteres velhos e rasgados de bandas de rock. No centro, um homem alto, magro e com cabelos negros que lhe cobriam parte do rosto. O homem de aspecto sombrio e completamente ereto olhava para Ford.

— Lá vamos nós de novo... — grunhiu.

— Olá, senhor Rusk. Meu nome é Jackson Ford, sou um agente do FBI e vim te fazer algumas perguntas... — Ele tirou do bolso a sua identificação e se aproximou do vidro, para que ele conseguisse vê-la.

Theodore continuou olhando para ele com desprezo. — O que é que você quer?

— Bem, recentemente temos tido vários casos de suicídios ao redor da sua cidade natal. Acreditamos que seja o feito de Eva Greene. Esse nome é familiar para você?

— Deveria ser?

Ford suspirou, apoiando-se no vidro e olhando fixamente para o prisioneiro dentro da jaula. Já sabia como eles agiam, e era só uma questão de tempo até que ele abrisse a boca.

— Se você cooperar, talvez possamos substituir a pena dela para algo que não seja a cadeira elétrica. Seja bom comigo e...

Um risinho baixo ecoou pela cela. Nesse momento, todos os outros prisioneiros do corredor se calaram. Certa preocupação tomou conta do agente, que por um momento se virou para olhar o que acontecia ao redor de si e, rapidamente, voltou a perscrutar Theodore. Ele já não estava mais ereto, mas em uma

posição estranha, incomum. Seus olhos eram frios e escuros, mas sua boca estava retorcida em um largo sorriso disforme.

— Vocês não vão conseguir pegá-la, por isso mandaram alguém para falar comigo. Alguém mencionou que é a quinta vez que vocês vêm até aqui?

— Isso não é verdade, de acordo com os arqui...

— Você é religioso, Ford? Porque só gente religiosa acredita em um pedaço de papel que sabe-se lá quem escreveu. — A mesma risada de antes, agora mais alta, saiu de sua boca.

— Não interessa, nós vamos capturá-la com ou sem a sua ajuda.

— Se não precisam de mim, por que te mandaram aqui?

Um dos prisioneiros de uma cela próxima começou a gargalhar loucamente, caindo no chão. Ford manteve seu olhar fixo em Theodore, sem dar atenção ao que ocorria ao seu redor.

— Isso facilita o nosso trabalho.

— Desde quando a lei precisa de criminosos para funcionar? Vocês deviam saber se cuidar sozinhos.

— Porque criminosos como você precisam ser detidos, sempre foi assim e sempre será. Se vocês não existissem, eu não teria como colocar comida em minha mesa todo o dia.

Ted deu um passo para trás, desviando o olhar. Agora, o silêncio havia retornado. Toda a atenção estava voltada para os dois. Alguns prisioneiros até subiam em suas celas para tentar ver melhor o que estava ocorrendo.

— Bem... eu não dependo da lei para existir, então não vou te ajudar. — Ted se aproximou mais do que antes.

— É claro que você precisa, é isso que te dá emoção, a felicidade em matar, fugir impune.

— Do que você está falando?

Ford sorriu, triunfante. Ele finalmente havia conseguido algo do homem.



— Você matou 38 pessoas, entre elas 12 não tinham sequer 18 anos. Isso é para conseguir atenção. E a atenção só vem quando a lei descobre quem você é, e o captura. Você depende, sim, de nós...

Ted parou de sorrir, uma expressão fria foi tomando conta de sua face.

— Você esqueceu de algo, Ford.

— E o que seria?

— O meu nome... qual é?

— Theodore Rusk Cunningham, nascido em...

— O meu nome dado pela mídia, seu acéfalo.

Ford parou. Realmente, haviam dado um nome para ele. Ele se lembrava de ter visto no jornal quando ainda estava na academia de treinamento. Era algo como...

— O mutilador da lua de mel.

— Dessas 38 pessoas, sabe quantas eram casais? Todas elas.

— E daí? Apenas um *modus operandi* como qualquer outr...

— Porque eles estão felizes, alegres, e pensam que tudo vai dar certo. E não existe prazer maior em fazer alguém perceber que não é ele que controla a própria vida...

Um sorriso ainda maior se formou na face do *serial killer*. Uma gota de suor frio desceu pela coluna de Ford quando ele viu aquilo.

— Mesmo sem lei, eu ia continuar fazendo o que eu fazia, porque as pessoas nunca querem estar fora do controle... de fato, a lei só piora. Ela devolve a ilusão de controle a elas. E eu desprezo isso! — Ele apontou para o bolso de Ford, onde ele guardava sua carteira, com seu escudo do FBI.

Os prisioneiros começaram a vaiar Ford, gritando insultos e cuspidando em sua direção. Theodore permaneceu quieto, vendo o agente se esforçar para manter o foco em seu objetivo.

— Seu salário depende de mim, mas eu não dependo de você. Eu consigo comida, tratamento médico, cama e tudo o que eu quiser preso aqui, ou aí fora. Se dependesse de mim eu matava você e a sua família...

— Família? Eu não tenho família.

— Eu vi a sua aliança, assim como vi um pacote deslizar um pouco da sua carteira, quando você me mostrou seu escudo.

Ford apertou a mão de sua aliança. Sem perceber, suas unhas cravaram fundo em sua carne, fazendo-o sangrar.

— O que você sentiria se eu quebrasse todos os dentes de sua esposa com um martelo? E se eu fizesse isso na sua frente? Você amarrado a uma cadeira, olhando para ela, implorando para que ela vivesse. E, então, eu acertaria a cabeça dela até conseguir ver o crânio exposto e fraturado. Aí, você percebe que não consegue controlar nada. Eu consigo, sempre consigo e sempre vou conseguir.

Ford virou as costas para a cela, respirando fundo e deixando o ar sair. Estava nervoso, acima de tudo com raiva. Os prisioneiros finalmente se calaram, e, no meio do silêncio, Ted terminou a conversa com uma sentença.

— Encontre-se a si mesmo, antes de tentar achar outras pessoas. Senão, elas vão te achar e acabar com a sua ilusão ignorante de controle.

Ford não olhou, apenas caminhou para fora do corredor. Não percebeu todos os prisioneiros olhando para ele, sorrindo em razão de sua derrota. Deu uma desculpa qualquer para os guardas, entrou em seu carro e ficou algum tempo lá, em silêncio, antes de dar a partida e sair pela estrada.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Ford sofreu um acidente de carro. Passou cinco horas na UTI antes de morrer por sangramento e hemorragia interna. O outro motorista estava bêbado e morreu na hora. Investigações futuras levaram a polícia

a concluir que o bêbado estava conversando com Eva Greene, criminosa procurada e namorada de Theodore Rusk, sob um pseudônimo diferente. Ela o torturou emocionalmente, fazendo-o sofrer e começar a beber mais do que antes.

Até o dia de hoje, Eva continua livre, vagando pelo mundo. E Theodore espera em sua cela. Quietamente, aguardando o dia em que irá decidir que já está cansado de sua vida como prisioneiro. O dia em que ele vai mostrar ao mundo que ele tem o controle sobre sua própria vida.

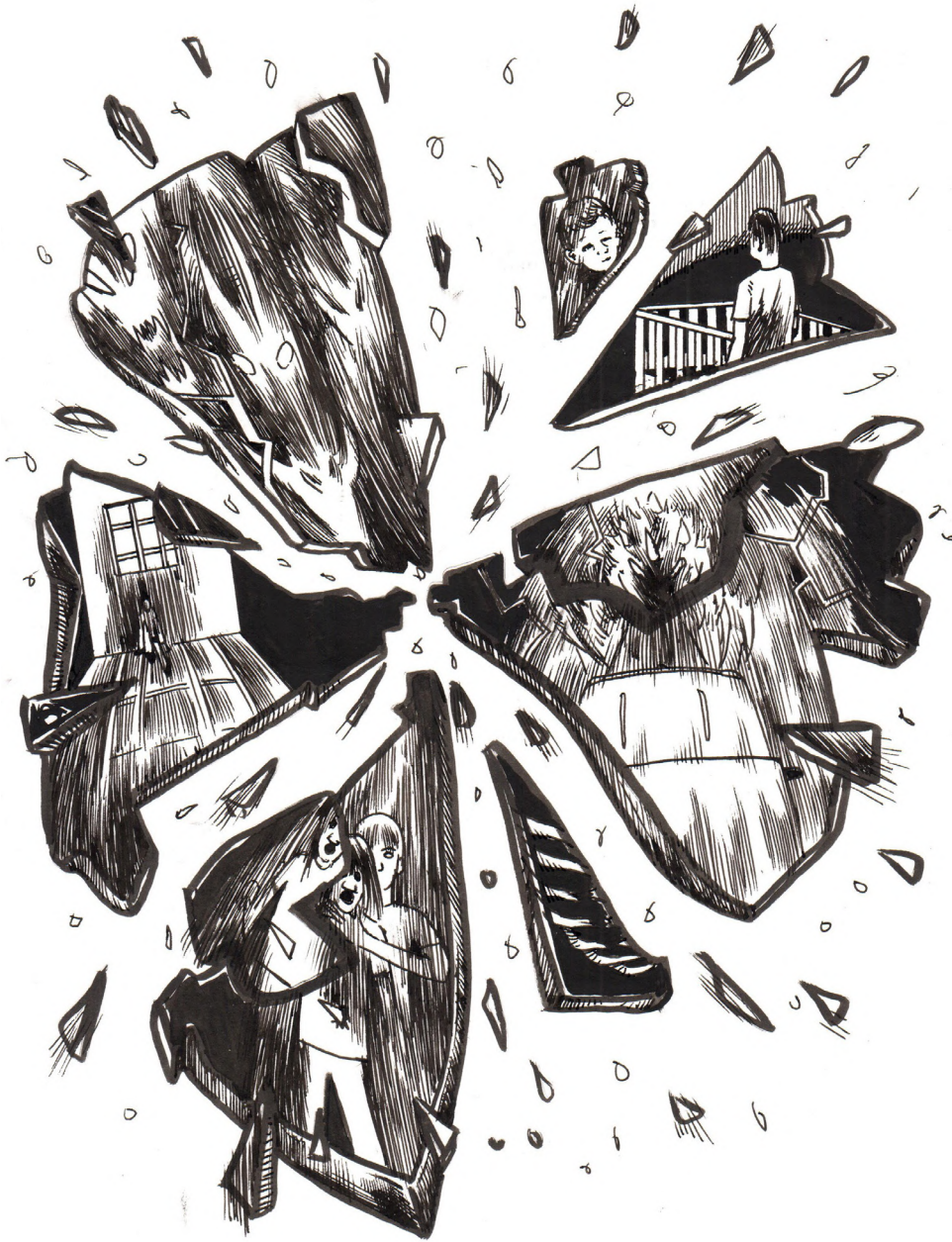
Eduardo Silva Tapada  
Guilherme Batista Fernandes Coelho  
Osmar Costa Alves Coelho  
Pedro Felipe Novais Dias  
Thais Moura Vidal



## O sonho



A luz que saía daquela pequena janela cinzenta, o chão frio e úmido onde eu dormia, as vozes incessantes que eu ouvia e que me deixavam cada vez mais louco e a visão de monstros que vinham de um lugar mais odioso que o próprio inferno. Foram essas as coisas que eu encontrei no final de tudo, sem poder voltar... E, então, eu acordei. Tinha acabado de abrir os olhos quando vi minha esposa ainda dormindo. Abracei-a, fazendo carinho nos seus cabelos. Eu não sabia se estava mesmo em casa, pois o sonho que tivera durante a noite fora tão perturbador que perdi a noção do espaço. Depois de levantar, enquanto minha esposa continuava a dormir, fui verificar que lugar era aquele onde eu estava e se minha filha estava no mesmo lugar em que a tinha deixado na noite anterior.



Indo em direção ao seu quarto, percebi que havia pequenas pedras e resquícios de terra no caminho, como se algo bem sujo tivesse pisado no carpete de casa. No mesmo instante, vi todas as cores sumirem e um aspecto sombrio tomar minha casa. Era como se a própria morte tivesse parado em minha frente, abraçando-me com um sentimento ruim e obscuro. Era quase como se estivesse morto. E, como se nada tivesse acontecido, de forma tão rápida quanto surgiu, esse lugar voltou a ser meu lar e me vi diante do berço de minha filha, que dormia de forma plena e profunda enquanto eu ouvia o passar dos segundos do relógio em seu quarto. Cada segundo, porém, parecia uma eternidade. Todos esses anseios foram dissipados quando senti o toque de minha esposa, que me abraçava por trás, e me perguntava por que eu ainda não tinha ido para o trabalho. Já eram oito horas da manhã.

Fui tomar um banho, me arrumei e fui para o carro. O começo do trajeto foi bastante tranquilo, sem nenhuma surpresa, mas passei por um quebra-molas despercebido que fez com que meus óculos caíssem do meu rosto. Esqueci-o no chão do carro e continuei o percurso, até que notei que o dia estava nublado. Parecia que ia chover. Pouco depois, a chuva começou de forma espantosa. Fechei os vidros do carro e liguei o rádio para saber como estavam as condições do trânsito em meu trajeto, já que o céu parecia estar caindo.

Não sei se foi a chuva ou apenas um cisco, mas minha visão embaçou completamente, e eu já não conseguia ver nada à minha frente. Entrei em súbito desespero, procurando meus óculos e, quando os coloquei, olhei rapidamente para a pista, onde se encontrava um monstro horrendo que olhava para mim de forma ameaçadora. Não pensei duas vezes: acelerei na direção daquele bicho horripilante, com a mais pura intenção de matá-lo. Dito e feito: havia matado aquela coisa que deixou

meu carro todo amassado e sujo de um sangue escuro que parecia até vinho. Pisquei os olhos, passei a mão no rosto, abri a porta e olhei pra pista. Não era um monstro. Era apenas uma garota, mutilada pela pancada do carro, com a cabeça aberta e ensanguentada... Morta pela minha irresponsabilidade. O desespero tomou conta de mim e, com um berro altíssimo, eu simplesmente desmaiei.

Dor. Era o que eu sentia. Dor demais, física e mental. Não sabia sequer onde estava, então só gritei. Eu havia estrçalhado uma garotinha. Meu coração doía e eu só pensava na minha família, em quem eu havia matado e na família daquela pobre menina. Desmaiei novamente. Dessa vez foi mais intenso, parecia que eu havia levado uma pancada na cabeça. Assim que acordei, me vi deitado em uma cama de hospital, na frente da mãe da garota, que chorava muito. Quando ela me viu acordar, quase gritou comigo. Queria me xingar, me bater, fazer qualquer coisa que pudesse diminuir a sua dor, mas sabia que essa dor não passaria tão facilmente. Recebi alta e ela veio me visitar de novo. Obviamente, de forma não tão amigável. Ela disse que gostaria que eu tivesse um inferno pior que aquele que ela estava vivendo e que eu me arrependeria de não ter morrido na batida.

Segundo os médicos, eu estava com três costelas quebradas, pulmão e estômago perfurados, deslocamento no ombro e outros ferimentos pelo corpo todo e, por causa disso, ficaria seis meses de cama. Minha esposa me ajudava o tempo todo, já que eu não podia levantar. Seis meses se passaram. O funeral da garota já havia acontecido. O julgamento também já havia ocorrido e, por ela estar na rua, sem acompanhamento de um responsável, e pelas condições climáticas do dia, eu não fui sentenciado. Meu processo de recuperação ainda estava em andamento, mas eu já havia voltado para casa. Aquelas estranhas

alucinações e pensamentos obscuros haviam parado, ou, pelo menos, era o que eu acreditava.

Durante minha recuperação, eu só pensava no futuro que havia ceifado. Teria sido melhor se eu estivesse no lugar dela do que ser remoído por essa culpa. Certo dia, enquanto eu estava imerso em pensamentos, minha vista escureceu, minha respiração ficou pesada e tudo se encheu de cinzas e pó. Eu olhei para o lado e o que vi era minha esposa segurando no colo nossa filha, mas, assim como todo o resto, elas sumiram, dando lugar a imagens cinza, com olhos negros e um sorriso medonho no rosto. Eu fiquei assustado e me afastei rapidamente, indo para o primeiro andar da casa. Elas me seguiam dizendo “vai ficar tudo bem, meu querido, você precisa se deitar e descansar”, mas eu andava cada vez mais rápido, e meu corpo, sem ritmo, não aguentava os movimentos. Entrei em desespero, queria saber onde elas estavam, queria que tudo aquilo terminasse logo.

Não sabia se estava louco ou se estava sendo alvo de uma brincadeira doentia de algo maligno, mas elas continuavam a me seguir e a falar aquelas coisas. Senti vontade de me matar, acabar com tudo e ver se aquilo era somente um pesadelo macabro. No fim, meus pensamentos se embaralharam e eu saí correndo em direção à rua, angustiado, com vontade de me jogar na frente do primeiro carro que passasse. Contudo, subitamente, a versão sombria da minha esposa tornou-se mais rápida que eu. Ela me agarrou e começou a me arrastar em direção ao andar de baixo, passando pela cozinha, onde eu peguei uma faca sem que ela percebesse. Enquanto estava sendo arrastado pela sala, enfiei a faca em suas costas, desferindo um golpe impiedoso e violento que fez jorrar sangue por toda a sala. Um grito ecoou pelo local e subiu em direção ao quarto de minha filha.

Eu vi as cores voltando, os sons retornando e ouvi minha esposa chorando e lamentando. Corri em sua direção e percebi

o que eu havia feito. Tudo parecia ter sido apenas uma alucinação, e eu me deixara levar, machucando e aniquilando tudo que era importante para mim. Me desculpei aos prantos e tentei prestar-lhe socorro. Levei-a correndo para o hospital. Ao chegar, senti seu corpo inerte e frio em meus braços.

A polícia foi chamada, assim como o conselho tutelar. Fui colocado num manicômio, sem poder ver minha filha ou o túmulo de minha esposa. Acordo todo dia no chão frio e úmido com a luz que sai daquela pequena janela cinzenta, ouvindo as piores coisas possíveis vindas direto da minha cabeça. Até que eu a vi de novo. Minha esposa, sorrindo de um jeito mais macabro que antes. Ela invoca meus piores pesadelos e diz, naquela pele cinzenta, que eu ainda não me arrependi o suficiente.

Anna Clara Dornelas  
Juan Vitor Saar Silverio  
Júlia Carlos Gonzaga  
Nicolly Dandara Santos



## Eu, nós



reste atenção na goteira. Nas gotas. Gotas. Gotas pingando, pingando lentamente, de novo e de novo. Era somente isso que se ouvia, que ecoava por toda a casa. Como era o único som, parecia ter uma força descomunal. Parecia se destacar em todo o ambiente. Cada gota que caía sobre a madeira parecia reverberar por toda a casa.

Fazia frio, como sempre faz frio em uma noite em que coisas ruins acontecem. Estava escuro, como sempre está escuro ao redor das nossas visões quando fazemos algo ruim. Havia chovido forte quando tudo aconteceu, como sempre está chovendo forte quando coisas tão graves acontecem.

Mas ninguém ali se importava.



Um não se importava porque não podia, outro porque não conseguia. Goteiras eram apenas um dos menores problemas que tinham nas mãos naquele momento. Era só mais um problema entre os mil que perturbavam aquela casa. Mais um dos problemas que perturbavam aquela família.

Sempre diziam que a casa era grande demais, que os quartos eram amplos demais, que era muito espaço para apenas duas crianças. E, agora, tudo parecia tão pequeno... A sala, que antes tinha espaço para os vinte convidados de uma reunião de amigos dos pais, parecia tão pequena quanto o quarto do pânico construído andares abaixo.

Talvez fosse a chuva. Havia chovido muito forte, forte o suficiente para manter qualquer um recolhido em sua casa no máximo silêncio, como deveriam ter feito. Talvez fosse o frio. A chuva havia ido embora deixando para trás um frio de congelar a espinha de qualquer um que entrasse naquela casa. Mas talvez fosse a iluminação. Havia fechado todas as janelas devido à chuva e à vergonha, e agora não tinham mais que um pequeno feixe de luz caindo sobre a sala. O máximo que conseguiram fazer foi ajeitar tudo para que o feixe não caísse sobre o corpo...

Ah sim, o corpo.

Com certeza era um corpo! O único móvel na sala era uma mesa, e não convém descrever suas características. O que era preciso saber e o que ninguém ali conseguia esquecer, nem mesmo o próprio corpo, era que a mesa era extremamente imprópria. Claramente, ninguém havia planejado aquela casa com cuidado. Quem deixaria fora da equação a possibilidade de um corpo precisar se acomodar sobre a mesa? Qualquer um que conhecesse aquela família saberia que era necessário.

E, devido aos cálculos feitos de maneira rude, apenas o torso do corpo ocupava algum lugar na mesa, seus braços caíam de maneira desajeitada e a perna parecia formar um anzol. Es-

tava desajeitado, claramente tão incomodado quanto incomodava. E terrivelmente ensanguentado. Mas para isso os móveis haviam sido planejados, não seria difícil tirar o sangue.

Sofia olhou mais uma vez para a coisa sobre a mesa da cozinha, pensando em como seria difícil retirá-lo dali. Sim, coisa. Ela não era capaz de chamar aquilo por outro nome, não conseguia. Sabia o que era, mas o nome era horrível. A situação era horrível.

Ela se sentou, Safira se pôs de pé. Aborrecida pela chuva que havia atrapalhado seus planos de ir para o lago, procurou pelas chaves na gaveta da cozinha mais uma vez. Havia realizado aquela atividade pelo menos sete vezes naqueles últimos minutos, era o que passava a maior parte do dia fazendo, porque sempre perdia suas chaves. Continuar fazendo aquilo era como se prender à rotina e, portanto, à parte da sua vida que ainda fazia sentido.

“Aposto que as chaves estão aí embaixo”, disse, lançando um olhar contido para o corpo. Queria pegar suas chaves, mas lhe faltava coragem. Sabia que, se encontrasse mais um dedo solto naquilo, teria um treco.

Já Samira não sabia o que fazer. Sentou-se abraçando a própria perna, o queixo batendo contra os joelhos de modo irritante. Mas não havia ninguém ali para lhe conter, ninguém ali se preocupando com sons irritantes. Nada era mais irritante do que aquelas gotas. Samira estava mais assustada com seu estado do que com a situação em si.

Sempre fora boa em mentir, em enganar, mas nunca se encontrou em uma situação tão grave como aquela. Não era como quando ela roubou o carro do pai e acabou batendo contra o portão da garagem, nem como quando se afogaram no rio — e, quanto à última parte, ela se livrou da culpa, porque não era ela quem estava no controle.

Nesse dia, Sônia era a voz de autoridade na casa. Era sua a voz que ecoava na cabeça de todas, e ela teve tanta calma naquele dia quanto tinha agora, encarando o corpo sobre a mesa.

Encostou-se à parede, com a cabeça pendendo para trás. Estava encarando o teto, mas, ao contrário das outras, não tentava desviar o olhar do corpo. Na verdade, ela praguejava em silêncio por toda aquela situação. Como tudo havia chegado a esse ponto dessa vez?

Relembrou de todas as ocasiões em que haviam se colocado em algum perigo que parecia irremediável. Na maioria das vezes, ela era a responsável por essas situações, podia admitir e conviver com isso. Organizava tudo meticulosamente, revisava suas motivações. Motivos eram fundamentais quando se fazia algo desse tipo.

Voltou seu olhar para a mesa da sala e pensou consigo mesma que, se ela tivesse uma chance de voltar no tempo, talvez não mudasse nada. Era uma história ruim de explicar? Sim. Mas ela tinha motivos e, agora, finalmente, todo mundo aprenderia a lição. Ele não iria mais incomodar.

Tinha que acontecer.

“Vamos ficar apenas olhando?”, perguntou Sônia encarando seu relógio de pulso e se desencostando da parede. “Não temos tanto tempo assim antes de eles voltarem.”

“Eu não vou tocar nesse corpo.”, disse Samira.

“Isso é um problema muito grande, porque precisamos tirar ele daqui.”

“Isso é um problema muito grande?”, Samira perguntou. Queria gritar, mas sabia que não podia; logo, sua voz saiu entre dentes cerrados enquanto encarava o corpo. “Você acabou de matar nosso irmão! Isso não te deixa mais preocupada do que a minha falta de estômago?”

“Eu não o matei”, Sônia disse calmamente. Sua voz era serena, como se estivesse contando mais uma vez a história de como havia dissecado seu primeiro pássaro. E isso seria preocupante em qualquer outra pessoa que não fosse ela.

“Não?”, Samira disse. Elas nunca se interrompiam, nunca falavam uma sobre a outra. Eram vozes únicas, e gostavam de se lembrar disso a cada segundo. Não conseguiam se sobrepor. “Por que você parece tão calma quanto no dia em que...”, Samira engoliu em seco. “Você está calma demais, como se... estivesse esperando por isso.”

Era esse o problema, afinal. Era essa a tensão no lugar. Quem ligava para o corpo, afinal? Todo mundo chega ao seu fim derradeiro algum dia. O que importava era quem havia feito. Quem o havia feito tão mal? Quem havia colocado todas elas nessa situação embaraçosa e mal calculada?

“Olha essa bagunça. Se eu tivesse feito isso, teria feito certo”, Sônia disse com um sorriso gélido. “Já você...”

Samira ficou em silêncio. Odiava quando Sônia aflorava esse lado da personalidade, quando demonstrava o quanto não era realmente funcional. Na maior parte do tempo, isso ficava ofuscado; ela conseguia sorrir e fingir para todos que estava tudo bem, que ela era normal. Conseguia mentir até para si mesma.

Não era esse o caso de Samira. Ela perdia o controle em público, já havia feito isso algumas vezes e, por isso, geralmente ficava mais retraída. A primeira a ser colocada de lado. Era sempre Sofia, com toda a sua parcimônia e sensibilidade, em primeiro lugar, seguida por Sônia e sua habilidade de mutação e, depois, o irmão. Esse era um motivo pelo qual ela não o quisera ali.

E motivação era sempre fundamental.

“Agora a fila está menor”, Sônia disse, e Samira continuou em silêncio, porque não sabia de verdade como se de-



fender. Era horrível quando precisavam chegar nesse tipo de resposta. Eram próximas demais para que fosse uma situação confortável. Se uma delas estivesse errada, todas estavam erradas; se uma delas era a assassina, todas eram assassinas. “Mas eu não acho que foi você. Tem alguém aqui dentro que não consegue olhar para o que fez.”

Sônia não podia olhar nos olhos de Sofia, mas, se pudesse, a reduziria a um pequeno átomo, tamanha a força de seu olhar. Sofia era sempre a primeira a começar a chorar, sua personalidade era sempre exposta quando precisavam de algo de outras pessoas. Ela era a personalidade que todo mundo gostava, que todo mundo apostava que daria certo.

“Eu não fiz nada”, disse com a voz carregada e arrastada. Parecia se mexer tão lentamente quanto o tempo dentro daquela casa agora.

“Ninguém espera que você diga a verdade”, Sônia disse, com calma. Sua voz flutuava no ambiente, ecoando pelas paredes do local vazio enquanto ela bisbilhotava pela janela a entrada dos carros. “Você é doida.”

“Doida”. Costumamos usar esse adjetivo para as mais diferentes e geralmente errôneas situações. Mas aquela família não. Aquela família sabia exatamente quem eram os doidos e o que faziam. Afinal, era cheia de doidos; eles sabiam disso e faziam o que precisavam. Mas não carregavam isso com orgulho, não gostavam dessa palavra. Sofia odiava essa palavra.

Sônia sempre a usava. E sempre que o fazia, começava uma infinita confusão para saber quem assumiria o controle. Uma compulsão enorme para saber quem teria a voz da vez, quem iria defender e quem iria atacar. Quem iria cuidar dos problemas, quem iria ter o prazer de punir o responsável.

“Nós somos exatamente iguais... Se eu sou doida, você é doida.”

“Me diz, o que a gente tem em comum além do corpo?”

E, assim, começava mais uma vez aquela discussão desembastada. Mais uma viagem no trem que levava ao inferno, onde as duas nunca cessavam. Samira não dizia nada, nunca o fazia. Entre a personalidade sem sentimentos e a personalidade com sentimentos demais, entre a sociopata e a narcisista, ela era somente a que sobrava. Sem motivos para matar, sem motivos para morrer. Invisível.

Quando tinha a sua vez de falar, pensava, pelos segundos que podia, antes de as vozes encherem a sala novamente, soando mais forte que o estrondo que a chuva trazia consigo. Mas, hoje, ela queria tomar o controle. Algo relacionado ao corpo de seu irmão em cima da mesa, desfigurado com balas, queimaduras e uma marca de batom no topo da testa. Tudo aquilo fazia com que ela quisesse acabar com aquela situação.

E motivação é fundamental.

Quando teve a luz sobre si, fez o máximo de força que conseguiu para mantê-la. Era preciso muita força de vontade, já que tudo sempre fora muito confuso entre elas. Era para isso que existia, afinal, a lei de que vários corpos não podem ocupar o mesmo espaço.

Pegou a arma em cima da mesa. Ela estava um pouco abaixo da perna que restava, mas isso não importava muito. A essa altura, já era só um corpo para todas elas. Sofia e Sônia lutavam nos cantos para tomar controle e tirar aquela arma das mãos impiedosas de Samira. Ela sabia da presença delas e tentou se convencer de que queria fazer aquilo por justiça. Mas, quando finalmente respirou fundo, com o cano na boca e a suas três personalidades no lugar, escutou a goteira e percebeu que a única coisa que queria era que o sangue parasse de pingar.

E ele parou. Pingou apenas mais uma vez quando parou em frente ao espelho, finalmente se vendo como veio ao mun-

do, como uma só. Mal conseguia se lembrar de quem havia chegado primeiro ou como chegaram as vozes na sua cabeça, mas ficaram por tempo suficiente para se materializar dentro dela. E, agora, finalmente, ela iria calá-las e a justiça seria feita.

Por quem, ela não saberia dizer.

Gotejaram no tapete, mas só mais uma vez. Segundos depois, não havia mais goteira alguma na casa. E isso era paz. Esqueça o sangue. Seja capaz de olhar para os corpos em cima da mesa... E pare a goteira.

Arthur Rafael Silva Nunes  
Caio Albino Bastos  
Elissandro Caetano Júnior



## Todo mistério tem um fim



O sol se punha, e Richard, um investigador renomado, estava no local que acreditava ser a chave para resolver o caso no qual trabalhava há semanas. Esse local era uma floresta sombria e úmida no norte da cidade. Ele revirava um túmulo em busca de pistas, quando um objeto gelado tocou seu pescoço: estava rendido. Mas, a fim de entender como as coisas chegaram a esse ponto, devemos recontar os acontecimentos que levaram nosso detetive àquela floresta.

Essa jornada de mistério se inicia em uma manhã de outubro, auge do outono, em uma pacata cidade mercante inglesa do século XIV, quando uma carta e um diário chegam à porta do maior detetive daquela cidadezinha. Esse homem era Sir Richard James, condecorado investigador pela coroa e

reconhecido pela sua infame política de nunca deixar um caso aberto, mesmo que isso significasse uma busca paranoica e obsessiva por respostas. Com esse mistério não seria diferente...

Ao perceber os objetos em sua porta, ele logo tratou de examiná-los com cuidado e atenção. Percebeu que se tratava de uma carta de uma jovem dama que reclamava sofrer perseguição de um homem misterioso. A mulher se chamava Emily Rothbart e seu desaparecimento ocorreu enquanto a população se recuperava de um recente assalto ao banco municipal. Ao ler o diário, o detetive percebeu que Emily vivia constantemente com medo e ansiedade, esperando que o pior lhe acontecesse.

Motivado a descobrir a verdade por trás do desaparecimento da senhorita Emily, Sir James partiu para a investigação. Começou entrevistando as pessoas próximas à vítima. Um elemento era comum em todas as respostas: a Sra. Rothbart era vista como uma mulher rica e prestigiada pela sociedade. Fora isso, ninguém sabia sobre nenhum perseguidor e, informadas do caso, as pessoas se surpreendiam ao saber da existência do diário.

Contrariando o testemunho dos entrevistados, Sir James percebeu que um homem acompanhava cada passo que ele dava na investigação. Esse homem era um temido bandido local, conhecido como Nero. Intrigado, Richard decidiu montar uma armadilha e interrogá-lo. Assim foi feito. Com o apoio da polícia, o criminoso foi preso e interrogado. Durante a sessão de perguntas que se seguiu, o homem admitiu ter perseguido Emily, afirmando que queria apenas chantageá-la (sem revelar como) e não tinha nada a ver com o seu desaparecimento.

O tempo passou, e Richard James acabou ficando sem pistas; considerava, embora relutante, desistir do caso. Contudo, tal atitude mancharia seu nome. Estava bebendo uma dose de Conhaque Hennessy 30 anos, prestes a finalmente arqui-

var os documentos do caso, quando de repente teve uma ideia. Observando a carta, ele percebeu que ela tinha uma mancha preta na parte de trás, muito similar à cor do solo de uma floresta próxima à cidade.

Decidido a dar um fim à trama, ele foi à floresta e, após vagar por algumas dezenas de minutos, deparou com um túmulo, o que era incomum. Sem nada a perder, começou a cavar a cova, quando um objeto frio foi colocado contra seu pescoço... Era uma bela mulher que batia com as descrições de Emily Rothbart. Foi então que as peças se encaixaram. Emily e Nero haviam assaltado o banco. Quando chantageada pelo cúmplice, que reivindicava a maior parte do roubo, ela forjou seu desaparecimento, fazendo com que Richard prendesse o comparsa. O túmulo, que outrora servira de esconderijo para o dinheiro, abrigou o corpo morto do grande detetive.

Marcus Vinícius Moraes Oliveira  
Pedro Augusto Gandra de Andrade  
Pedro Henrique Pereira  
Samuel Pedro Amorim



## A vingança



Oitenta bilhões de reais. Para mim era incompreensível como alguém tão novo adquirira tal fortuna, e talvez fosse por isso que decidiram abrir a investigação. Enquanto me vestia para o trabalho e refletia sobre o caso, Paulo Dias era um bem-sucedido empresário de apenas 29 anos de idade que, até então, nunca havia sido acusado de coisa alguma. Então, por que abrir uma investigação baseada apenas em um telefonema anônimo e indicar o melhor investigador da cidade para o serviço? Enfim, por mais estranho que fosse, era o meu trabalho.

O dia foi cansativo, longas horas interrogando funcionários desinformados e lendo documentos e contratos absolutamente comuns. Entretanto, já no cair da noite, algo chamou minha atenção. Um documento datado de 3 meses antes

— não acreditei! —, em que se lia, com todas as letras, que Paulo tinha conhecimento e inclusive incentivava o trabalho escravo em pelo menos uma dúzia de suas fábricas no exterior.

Depois de entregar o documento para o promotor, uma coisa ainda me perturbava. Como algo tão ridiculamente óbvio ainda não havia sido encontrado? Bem, isso agora era assunto da promotoria. Estava aliviado porque havia sido tão fácil, e a última coisa que eu queria era ficar bisbilhotando as operações de um bilionário poderoso, já que eu estava tão próximo de me aposentar.

No dia seguinte, um sábado, às 9 horas da manhã, fui acordado pelo telefone. Ainda estava cansado devido ao trabalho até tarde e as poucas horas de sono:

— Carlos! — a voz do promotor estava bastante alterada — Sumiu! O documento sumiu!

O promotor explicou que havia deixado o documento em seu escritório e fora dormir em casa e, pela manhã, ele pretendia apresentá-lo a um juiz. Entretanto, havia encontrado seu escritório revirado e o documento não estava mais lá. Portanto, o único jeito de abrir o caso seria com o meu testemunho acerca do conteúdo do documento.

Era como se o mundo tivesse caído sobre meus ombros. Testemunhar contra alguém tão poderoso era como pintar um alvo gigantesco em minhas costas. Dessa forma, respondi ao promotor que ia tirar o fim de semana para pensar a respeito.

Saí do meu quarto cambaleando, ainda muito abalado pela notícia. Ao chegar na cozinha, perguntei à empregada, que trabalhava em minha casa há pouco tempo:

— O Thomas já acordou? — Ainda não tinha visto meu filho desde a manhã anterior.

— Sim, senhor — ela respondeu —, ele saiu com teu irmão para andar de skate. Quando ele se apresentou eu não

acreditei, então me mostrou a identidade e tinha o mesmo sobrenome que o senhor, eles saíram faz pouco mais de meia hora.

O mundo dessa vez não só caiu, mas me esmagou. Perdi o fôlego. O desespero rapidamente deu lugar à raiva, tive vontade de sacar minha arma e atirar na empregada ali mesmo. Como ela poderia ter sido tonta o suficiente para ser enganada por uma identidade falsa? Afinal, mesmo que não me lembrasse, já deveria ter dito a ela que eu era filho único.

Nunca me sentira tão impotente. Perturbado, pedi a descrição do homem. Não havia mais dúvida, Paulo tinha vindo pessoalmente, enganou a empregada e sequestrou meu filho.

Não queria imaginar o que meu filho, com apenas oito anos, estaria passando. O objetivo do sequestro era claro, me coagir a não testemunhar contra Paulo no caso. Mas aquilo havia sido um erro por parte dele: eu não estava muito interessado em me arriscar para denunciá-lo por trabalho escravo. Mas, agora, depois que recuperasse meu filho, com certeza faria de tudo para mandá-lo para a prisão pelo resto da vida, isso seria minha vingança.

Poucos minutos depois, meu celular tocou com um número desconhecido, mas, ao atender a ligação, a voz não estava editada e eu a reconheci na hora:

— Bom dia, senhor investigador — exclamou Paulo Dias em um tom extremamente descontraído, que me fez inflar de raiva novamente. — Suspeito que já tenha recebido as boas notícias. Tomei a liberdade de colocar uma escuta em sua cozinha para saber quando o senhor acordaria. Indo direto ao assunto, tenho alguns compromissos durante o resto do dia, estou lhe enviando uma foto do seu filho, não se preocupe, ele está com alguém de confiança — disse, em tom de ironia. — Assim que você ligar para seu amigo promotor e disser que se recusa a testemunhar, seu filho voltará para você. Tenha uma boa tarde!

Segundos depois, recebi a foto. Meu filho estava brincando com dinossaurinhos de plástico e parecia não estar compreendendo a situação. O local era uma sala relativamente escura, sem janelas, provavelmente no subsolo, mas era decorada com paredes coloridas, quadros infantis pendurados, além de um carpete, também colorido, que cobria o chão.

De início me aliviei um pouco: pelo menos Thomas não estava sendo maltratado. Mas, com uma explosão de exaltação, percebi o erro de Paulo. A ligação, da forma como foi feita, era irrastrável, mas a mensagem não. Agora, não importava em qual buraco do país aquele desgraçado tinha escondido meu filho, eu poderia descobrir onde era.

Entre no carro e disparei rumo à casa de Alex; ele trabalhava na inteligência da polícia e havia se tornado um grande amigo.

Cheguei em sua casa e o peguei ainda de pijama:

— Bom dia, Carlos — cumprimentou ele —, o que o traz aqui tão cedo?

Antes mesmo de responder a pergunta, já estava na metade do *hall* de entrada. Chegando ao *home office* de Alex respondi que precisava que ele rastreasse uma mensagem para mim. Disse que se tratava de uma foto de quando Thomas havia passeado com meu primo Marlon, e que ele não queria me dizer onde fora tirada. Contudo, Alex percebeu a insegurança e a ansiedade em minha voz e me perguntou se estava tudo bem. Menti que sim. Aquilo era algo que eu precisava resolver sozinho.

Depois de trabalhar naquilo por alguns minutos, Alex se manifestou:

— Consegui! — exclamou — Mas... Bom, talvez você não acredite, mas a foto foi tirada na biblioteca pública da cidade. Que estranho, não me lembro dessa sala lá.

Com um sobressalto, me lembrei: Paulo havia feito generosas doações à biblioteca nos últimos anos e, provavelmente, havia convencido a prefeitura a construir essa sala subterrânea em segredo. E, como hoje a biblioteca estaria fechada, era o lugar perfeito para esconder meu filho. Agradei ao Alex e zarpei rumo ao centro, em direção à biblioteca. As ruas estavam vazias e silenciosas, o que criava um clima macabro para a situação. Mas, em meus tempos de Interpol, já havia lidado com situações similares, o que me dava uma ilha de confiança em meio ao meu mar de desespero.

Quando cheguei à biblioteca, o sol já estava a pino. A biblioteca ficava em uma rua em que a maioria das construções estava em ruínas, e que portanto, no fim da manhã dos sábados, ficava deserta.

A cidade era bem tranquila, com pouca criminalidade. A biblioteca era protegida apenas por uma grande porta dupla de vidro, que eu arrombei o mais silenciosamente possível. Já havia estado ali dentro dezenas de vezes, a biblioteca tinha poucas janelas; logo, mesmo com a grande claridade do lado de fora, sem as luzes elétricas, a biblioteca era escura e, por ser antiga e muito grande, se parecia com uma mansão mal-assombrada dessas de filme de terror.

Procurei, durante alguns minutos, alguma passagem que pudesse me levar àquela sala subterrânea, até que vi, próximo à saída de emergência, uma porta vermelha recém-pintada com os dizeres “Somente Pessoal Autorizado”. Era uma porta de ferro maciço, estava pensando em como arrombá-la silenciosamente, quando me apoiei nela e quase caí de costas na escada que havia do outro lado. Ela estava aberta.

A porta dava para uma escada em caracol, que descia no escuro por cerca de 6 ou 7 metros e acabava em um largo corredor. Dava para ver que o corredor era recém-construído e, ao

longo dele, havia algumas portas, como salas de aula. Não havia lâmpadas no teto e a fiação estava exposta.

Estava completamente escuro, exceto pela claridade de uma luz que saía pelas frestas da porta ao final do corredor, a cerca de 20 metros de onde eu estava. Meu coração acelerou, decidi andar lentamente em direção à porta. Comecei a ouvir ruídos vindos de lá, cada vez mais nítidos. A mão direita, que carregava minha arma, suave descontroladamente. Foi quando ouvi uma voz de criança e perdi o controle. Cobri os 5 metros restantes em menos de um segundo, chutei a porta e com a arma erguida entrei na sala.

Meu filho estava sentado, encostado na parede oposta à porta, com a cabeça abaixada imersa em seus braços. Ao seu lado havia um jovem, de cerca de 20 anos, que tinha uma expressão assustada no rosto. Ao ver a arma, ele correu em minha direção. Entretanto, ao invés de me atacar, se ajoelhou a dois metros de mim e implorou:

— Por favor, senhor — sua voz era chorosa e desesperada —, ele me disse que a criança era sobrinho dele e eu acreditei — ele fungou alto —, eu só queria meus créditos na faculdade.

Eu não podia acreditar: aquele garoto era um estagiário da biblioteca! Passei correndo por ele e fui até meu filho. Ele levantou a cabeça:

— Papai? — Lágrimas preenchiam seus olhos.

— Sim, sou eu, Thomas — disse, forçando um sorriso —, vamos embora daqui!

Agarrei Thomas e saí da sala. Atrás de nós, o jovem ainda estava confuso. Estávamos na metade do corredor quando ouvi um ruído na escada e meu coração quase parou. A escuridão não me permitia ver com clareza. A ansiedade e a dúvida deram lugar ao pavor quando ouvi o barulho de uma arma sendo destravada seguida da voz penetrante de Paulo Dias:

— Vai a algum lugar, CARLOS? — Seu tom não era mais aquele de ironia de nossa última conversa, era de raiva, de rancor. Além disso, a ênfase em meu nome me deixou ainda mais inseguro, pois, da última vez, havia me chamado apenas de investigador. — Nem pense em pegar sua arma, pois, quando eu atirar, não vou me importar se seu filho estiver na frente.

Relutante e com o coração a mil, coloquei Thomas, que tinha começado a chorar, no chão e ergui meus braços no ar. Nesse momento, Paulo saiu das sombras. Suas roupas eram simples e estavam amarrotadas, o cabelo curto estava despen-teado e seu rosto carregava uma macabra expressão de triunfo:

— Depois de 21 anos, finalmente... — sua expressão era a de alguém completamente insano.

— Do que você está falando? — retruquei. — Por que está fazendo isso?

— Você nem sequer se lembra, não é mesmo? — berrou ele. — Nem sequer se lembra do meu pai!

Senti um frio na espinha. Quem era o pai dele? O que eu tinha a ver com isso? Em um segundo de puro terror, finalmente me lembrei.

Arnaldo Dias, o maior arrependimento de minha carreira. Após uma série de assassinatos, as pessoas estavam desesperadas para achar o culpado, e eu era apenas um jovem, querendo ser admirado. Depois disso, Arnaldo foi condenado à morte e eu entrei para a Interpol como um brilhante investigador.

— Diga alguma coisa, não esperei tanto tempo para acabar assim! — A expressão de Paulo era de pura raiva, lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Naquele momento a compreensão chegou como uma espada perfurando meu corpo. Nunca houve trabalho escravo: Paulo forjou aqueles documentos e provavelmente foi ele próprio quem deu o telefonema anônimo para começar a investi-



gação. Ele roubou o documento do escritório do promotor e sequestrou meu filho para me atrair. Mas, ainda assim, eu não compreendia o porquê. Alguém como ele poderia matar um investigador como eu sem nenhum problema, por que se dar ao trabalho de fazer aquilo? Ele leu minha expressão:

— Você já entendeu, não é mesmo? — indagou ele — ou ainda não sabe por que criei um plano tão complexo só para me vingar de você?

O ar saiu dos meus pulmões... 21 anos. Paulo tinha a mesma idade de Thomas quando seu pai morreu. Então eu percebi: não importava o que eu fizesse, ele me mataria de qualquer forma, na frente do meu filho, assim como haviam feito com ele 21 anos atrás. Essa seria sua vingança.

Então, eu me decidi, virei para Thomas, que estava petrificado no canto do corredor:

— Corra, Thomas! — Paulo, durante a conversa, havia se aproximado e liberado o caminho em direção à escada.

Então, no momento em que Paulo se voltou para meu filho, eu abaixei os braços e saquei minha arma.

O som ecoou pelas salas vazias, minha arma caiu no chão, caí de joelhos, o mundo escureceu, mal conseguia sentir a dor na parte superior do abdômen. Thomas não estava à vista, será que ele conseguira fugir?

Paulo permanecia parado, a arma ainda erguida, os olhos fixos em mim.

Novamente, o mesmo som quebrou o pacífico silêncio do subsolo da biblioteca, e o mundo se apagou completamente.



## Amigos de infância



Lembro-me como se fosse hoje, o padre finalizando a missa e minha cabeça doendo como o inferno. O banheiro não era longe e eu precisava urgentemente fazer algo para me recompor. Minhas mãos trêmulas capturaram o livro grosso, que escorregava aos poucos com meu suor entrando em contato com a capa vetusta. A caminhada até o banheiro me pareceu exaustiva demais, o som da voz rouca do homem santo ao longe reverberava em minha mente como gritos estridentes. Eu não entendia por que doía tanto.

De frente à porta de madeira antiga, empurrei-a com os braços doloridos e me pus para dentro do cubículo fedorento. Cabíamos eu, uma privada imunda e um lavatório pequeno, com um espelho quebrado em cima; pelo menos era assim que as coisas estavam da última vez que eu havia estado ali.

Naquele dia, estava diferente. Estava maior, mais escuro e aparentemente mais sujo. Caminhei sem direção alguma e pude ouvir o barulho de água no chão. Olhei para baixo e pude ver meu reflexo borrado em laranja da luz que vinha da outra extremidade do cômodo. Minha dor de cabeça piorou e meu peito começou a queimar, respirar se tornava um ato um tanto quanto complicado. Eu mal podia enxergar, mas podia sentir. Sentia a respiração gélida de um deles bater em minha nuca, meu coração disparar um segundo depois e os ossos de meu braço doerem excruciantemente. Eles haviam me pegado. Sete deles, com vestes pretas e longas, acompanhadas de máscaras, como as que se usava no surto da peste negra.

Era dia, mas o cair da noite era iminente. Eu estava sentada num balanço, que rangia a cada ida e volta suave que meu corpo pequeno podia proporcionar. Era meu aniversário, eu já estava com meus sete anos, mas sem sequer um amigo para me prestigiar. O balanço ao lado rangeu, assim como o meu fazia continuamente, mas aquele som era mais alto, como se algo muito pesado tivesse sentado ali. Eu não olhara para o lado, mas eu podia sentir. Eu queria um amigo, apenas isso, então o que custava dar um “oi”? Eu olhei com o coração pulsando rápido como o carro de papai quando se atrasava. Parecera-me um homem, num primeiro momento, com vestes negras e um capuz enorme. Eu não consegui enxergar sua face, mas pude sentir como ele cheirava bem. Algo como baunilha e canela, que aguçavam meus sentidos e me deixavam desorientada. Ele me estendeu a mão, com seus dedos longos e magros circundando o palito branco de um pirulito de cereja, meu favorito. Sua voz soou rouca quando respondeu ao meu agradecimento tímido, mas um tanto quanto empolgado. Eu me lembro: nesse dia ele me ofertara o mundo, eu poderia tê-lo em minhas mãos, e jamais o negaria. Eu poderia ter todos os brinquedos que eu

quisesse, quantos pirulitos de todos os sabores que eu pudesse imaginar, tudo, absolutamente tudo. Ele estendera-me a mão, esticando seu braço longo coberto pela manga larga de seu sobretudo, tocando minha derme gélida pelo vento, selando o contrato. Eu aceitara, com toda certeza, mal sabendo o que me aguardaria em alguns anos.

De volta ao banheiro nojento, eu conseguia analisar suas vestimentas. Um sobretudo enorme e aparentemente pesado, de tecido encerado, acompanhado por uma máscara com círculos de vidro no lugar dos olhos e um nariz em forma de cone, como o bico de uma ave aterrorizante. Então o primeiro deles veio, parou a três passos de mim e estendeu-me um prato, servido de uma fatia de bolo grande demais, com a cobertura perfeita, com detalhes precisos e coloridos, destoando do recheio, completamente mofado, com bolor colorindo suas extremidades e acabando com sua beleza. Era a Gula, me entregando sua oferta em mãos.

Depois veio a Luxúria, que se abaixou em frente a mim, buscando meus lábios com os seus, famintos, e beijando-me ferozmente por longos minutos, dando-me, assim, seu presente. O terceiro foi a Ira, que caminhou em passos rápidos em minha direção, acertando-me o rosto com um tapa ardido, que queimou toda a minha derme suada pelo desespero. Depois a Preguiça veio, lenta como nunca, buscando minhas palmas e derramando suas lágrimas sobre elas, batizando-me assim. A Inveja concretizou-se como a quinta, entregando-me uma caixa aveludada em tons de carmesim, que guardava um colar; colar este que sempre fora meu sonho e alvo de desejo intenso. A Soberba chegou, olhando-me com um ar superior e arrogante, passando por mim sem me entregar nada que simbolizasse a si própria. Por último, veio a Avareza, com seu corpo um tanto quanto masculino, abaixando-se em minha frente e entregan-

do-me um pirulito; era cereja, eu me sentia como se tivesse voltado no tempo, dez anos atrás. Ela era a principal responsável por minhas aquisições ao longo da vida, como minha última: um apartamento no centro, o mais belo e luxuoso da cidade, definitivamente invejável. Eu sabia onde seria meu fim, bastava apenas aguardar o momento certo.

O apartamento era grande, estávamos eu, meu marido e mais alguns amigos. Era dia de comemoração, afinal, nós sonhávamos em morar naquele lugar há tempos. Após o jantar bem servido, juntamo-nos na sala de estar, um ambiente acolhedor, com pares de sofás grandes o suficiente para que todos se acomodassem bem, a conversa fluía e não havia silêncio em momento algum. Era bom estar ali e guardar em minha mente meus últimos momentos com minhas pessoas favoritas.

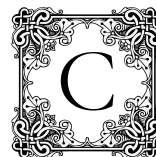
O som do ponteiro do relógio se movimentando a cada segundo parecia se sobrepôr a toda aquela algazarra, como se fosse proposital, como se para me alertar do momento correto. Faltava um minuto para a meia-noite e um cheiro forte de baunilha e canela se fez presente, mas ninguém no cômodo parecia sentir, e eu sabia muito bem o que aquilo significava. Impulsionei meu corpo para a frente e levantei-me do sofá, mas não sem antes entregar ao meu marido um pedaço de papel amassado, com uma letra torta. Eram minhas lembranças, minhas memórias mais lúcidas, do fatídico dia que me fez estar ali hoje. Cada passo dado me parecia eterno, mas eu não me senti cansada ao final, quando cheguei ao lado da cristaleira, estiquei meu braço e pus meus dedos no metal gélido, enroscando-os ao redor do punho bem cuidado, trazendo-o em direção a mim. O silêncio absoluto que tomou conta do ambiente se equiparou à minha mente, quieta e incapaz de processar qualquer sentimento. Eu não sentia medo, desespero, tampouco tristeza, eu não conseguia sentir absolutamente nada. Era neutro. E foi assim, ao

som do silêncio dos meus amados, que me deixei levar pelos sete, ao pôr o cano do revólver entre meus lábios.

Com os dedos mais firmes do que nunca, destravei o instrumento e pus meu indicador no gatilho pressionando até que ouvisse um barulho estrondoso, mas depois foi só silêncio. O mais puro silêncio que um dia já ouvi. Não houve dor, tampouco arrependimento, e eu estava morta. Fui levada pelos sete homens estranhos, meus primeiros amigos, até aqui, de onde vos conto minha história. De como conheci os sete pecados capitais.

# ✦ Posfácio

## EVIDENCIANDO UM TRABALHO (IN)VISÍVEL



Com o passar dos anos, o mercado editorial brasileiro vem exigindo cada mais competências de seus profissionais. Por isso, encontrar colaboradores capacitados para esse tipo de trabalho tem se tornado tarefa árdua. A revisão de textos é, sem dúvidas, uma das partes mais importantes do processo de edição de um livro, que requer múltiplas habilidades do revisor, cujo papel consiste, resumidamente, em compreender as ideias propostas pelo autor e fazer sugestões de mudança nos textos analisados.

É função do revisor acompanhar processos textuais atrelados à produção de livros, de revistas e de textos em geral. Ele é um profissional essencial na indústria livresca, na medida em que realiza trabalhos primordiais para a produção de um livro: a preparação do original e a revisão de provas. Entre suas qualificações, o conhecimento crítico da língua portuguesa é condição necessária, porque permite um olhar mais sensível para a escrita e o reconhecimento de quando e como agir diante de um texto que precise de intervenção.

No entanto, um bom revisor não é um caçador de erros, mas, sim, um profissional que trabalha minuciosamente para analisar e compreender textos e orientar os autores sobre o trabalho de construção e de desenvolvimento linguísticos. Ele é o responsável pela mediação editorial entre autores e leitores e por aplicar os critérios de legibilidade e de rigor exigidos pela

prática da revisão. Ao trabalhar o texto, deve se ater, sobretudo, aos problemas de legibilidade, o que pode ser consequência da não atenção do autor para essa questão, promovendo, assim, a ampla compreensão do leitor. O revisor é, portanto, uma “ponte” que contribui para despertar o interesse do leitor pelo escrito, aspecto imprescindível ao campo editorial.

Revisar, porém, não é uma tarefa fácil. Quando alguém escreve um texto, geralmente possui um carinho por aquela obra, e o revisor entra como um intrometido, cuja tarefa, às vezes, é a de indicar modificações (quando necessário, é claro!). Isso gera alguns impasses, pois nem sempre o autor está disposto a aceitar as sugestões propostas.

O revisor deve ser, portanto, um profissional equilibrado: não deve ser apenas um espectador do texto, nem pode ser autoritário, pois o material a ser revisado pertence a outra pessoa. Seu trabalho deve ser executado com “transparência”, de modo que o leitor não perceba a sua presença. Quando um texto está bem revisado, a última coisa de que o leitor vai se lembrar é que um revisor interferiu em qualquer palavra. Por outro lado, se esse leitor perceber um problema de ortografia, de legibilidade, de continuidade, de coerência, de coesão... o primeiro questionamento que virá à sua cabeça será: “Como o revisor não viu isso?”

Ele também não pode ser alguém que queira aparecer. Definitivamente, não pode ser um profissional que busque os holofotes e as glórias, como outros profissionais envolvidos nesse meio, em especial o autor. Ele deve compreender tanto a importância quanto a “invisibilidade” do seu ofício.

O trabalho do revisor deve passar despercebido, mas não esquecido. Pelo contrário: precisa ser valorizado, pois suas intervenções são indispensáveis para que a leitura de um texto

seja fácil e fluida. Segundo Muniz Jr. (2018)<sup>1</sup>, se compararmos um livro com uma peça de teatro, o revisor seria o profissional que está nos bastidores fazendo o espetáculo acontecer. Ele não aparece ao público (leitor), mas deve ter a sua importância devidamente reconhecida para a realização da obra.

Foi, portanto, respaldados por esses aspectos que revisamos, com todo o cuidado que se deve ter no preparo e no desenvolvimento editorial de um livro, considerando os processos que envolvem a revisão textual, o poema e os contos escritos por alunos do Ensino Médio e Técnico do CEFET-MG, como forma de garantir a vocês uma leitura envolvente, misteriosa e malcriada, como os textos aqui reunidos se propõem a fazer.

*Os revisores.*

*Estudantes do curso de Letras – Tecnologias de Edição  
do CEFET-MG*

---

<sup>1</sup> MUNIZ JR., José de Souza. *Tinha um editor no meio do caminho*: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual. Divinópolis, MG: Artigo A, 2018.

# BARULHO

O Selo Barulho é uma proposta editorial que surge do trabalho de um grupo de docentes da área de Língua Portuguesa do CEFET-MG. Dando-se conta do potencial de criação e construção autoral nos cursos de ensino médio e técnico da instituição, decidiu-se pôr em prática propostas pedagógicas que pudessem desembocar na publicação dos textos desses/as jovens estudantes. Ao integrar o ensino em nível médio e técnico, o ensino superior e a extensão, o Selo busca proporcionar às pessoas participantes uma experiência pedagógica significativa e contextualizada, reafirmando o papel da linguagem como instrumento de práticas cidadãs e a publicação como modo privilegiado de participação dos jovens nos debates de interesse público.

## Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Prof<sup>a</sup>. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Chefe de Gabinete

Prof<sup>a</sup>. Carla Simone Chamon

Diretor de Educação Profissional e Tecnológica

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

Diretora de Graduação

Prof<sup>a</sup>. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

Diretor de Planejamento e Gestão

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Governança e Desenvolvimento Institucional

Prof. Henrique Elias Borges

Diretor de Tecnologia da Informação

Prof. Gray Faria Moita

## Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição

Coordenadora

Prof<sup>a</sup>. Joelma Rezende Xavier

Coordenador Adjunto

Prof. José de Souza Muniz Jr.

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Av. Amazonas, 5.253, sala 344 – Nova Suíça

Belo Horizonte, MG, Brasil – CEP 30.421-169

Telefone: +55 (31) 3319-7140

*Coordenador*

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

*Vice-coordenador*

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

*Comissão Editorial*

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Prof<sup>a</sup>. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria do Rosário Alves Pereira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

*Conselho Editorial*

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Uninter, Brasil)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFMS, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (CEFET-MG, Brasil)



*Projeto Ceferno: histórias de terror e malcriação*

*Supervisão*

José de Souza Muniz Jr.

*Preparação de originais e revisão*

Alexandre Lage Alvarenga Jr.

Débora de Paula Morais

Ian Meneses dos Santos

Karine Kelly Cerqueira Fontes

Letícia Rosa Medeiros Portugal

Luciano de Oliveira Campos

Maira Duarte de Moraes

Richard Pereira Saraiva

Thiago Ferreira de Gouveia Florêncio

*Projeto gráfico e diagramação*

Gabriela Oliveira de Souza e Silva

Gabrielly Ferreira Rodrigues

Murilo Vale Valente

*Revisão de provas*

Gabriela Oliveira de Souza e Silva

José de Souza Muniz Jr.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária

Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

C389      Ceferno: histórias de terror e malcriação / Organizadora:  
Bruna Fontes Ferraz– Belo Horizonte: LED, 2021. (Barulho)

114 p.

ISBN: 978-65-87948-11-9

I. Contos de terror. II. Título.

CDD: 8o8.8

*Crédito de imagens*

Crânio decorativo (capa e quarta capa) criado por "sergey-kandakov", disponível no Freepik.

Arabesco (capa e quarta capa) criado por "rawpixel-com", disponível no Freepik.

Agradecemos as ilustrações (miolo) feitas pelo artista Alexandre Jr. (@desenhroj) - Mestre em Estudos de Linguagens pelo Posling (CEFET-MG).

Este livro foi produzido no ano de 2021 por  
estudantes de Letras – Tecnologias de Edição  
do CEFET-MG utilizando as famílias tipográficas  
Cormorant Garamond e The Black Sugare.